

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
POS GRADUAÇÃO LATO SENSO
PSICANÁLISE E LINGUAGEM: UMA OUTRA PSICOPATOLOGIA

HISTERIA E O ENIGMA DA FEMINILIDADE: UMA LEITURA PSICANALÍTICA

GABRIELA MENDES MACHADO

Orientadora: Prof.^a Sandra Tíferes

São Paulo

2013

GABRIELA MENDES MACHADO

HISTERIA E O ENIGMA DA FEMINILIDADE: UMA LEITURA PSICANALÍTICA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Psicanálise e Linguagem: Uma Outra Psicopatologia, da Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito final para obtenção de título de Especialista.

Orientadora: Prof.^a Sandra Tíferes

São Paulo
2013

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me capacitado com sabedoria e força durante esta longa etapa.

À minha mãe, tão guerreira, que sempre acreditou no meu potencial quando nem eu mais acreditava e não mediu esforços para que eu chegasse até aqui.

Ao meu pai, que me ensinou o amor pelos livros, sustentou carinhosamente minhas realizações e que estará sempre vivo em mim.

Ao Felipe, irmão tão querido, alegrando mesmo os dias mais difíceis.

Ao meu grande amor, William, por toda paciência, renúncia e carinho, dando sentido aos meus dias.

Aos amigos, com quem estou em falta (“não posso, tenho que escrever a monografia...”) e que ainda assim estiveram comigo e apoiaram minhas escolhas.

À minha orientadora, Prof.^a Sandra Tíferes, pelo incentivo, suporte e ensinamentos.

Aos meus professores e colegas de profissão pelo compartilhamento de conhecimento e dedicação às questões humanas.

RESUMO

O estudo sobre as histéricas inaugurou a Psicanálise. Após um início de tratamento pautado em sua formação médica e nos conceitos de ab-reação e trauma, Freud abandonou a hipnose, propôs a cura pela fala e elaborou a teoria da fantasia. Embora o foco de sua obra tenha sido o estudo da sexualidade humana de uma maneira geral, o interesse pelas mulheres continuou presente. Dentre diversos textos que tratavam dessa temática, dedicou toda uma conferência à feminilidade (1933) e à tentativa de entendimento acerca do que quer a mulher. Concluiu que o *tornar-se mulher* era uma longa e complexa travessia, indo além de causas orgânicas e biológicas. Porém, ciente das limitações de sua teoria, deixou a cargo dos poetas a esperança de saber mais a respeito das mulheres. Lacan, cuja proposta inicial foi uma releitura da obra freudiana, também dedicou especial atenção ao tema. Ao propor uma comparação entre o caso do presidente Schreber e a questão histórica, iniciou uma série de formulações acerca do que é ser *uma* mulher – diferentemente de Freud, que estudou *a* mulher – propondo a dialética entre *ser ou ter o falo*, no qual a mulher se faz de falo para ser amada por um homem, para, assim, poder se tornar objeto causa de desejo. As questões que se colocam frente ao enigma da feminilidade são muitas, e dentre elas, destacamos nesse trabalho às dificuldades relacionadas à histórica em seu acesso à feminilidade. Enquanto uma mulher aceita ser objeto de desejo para um homem, a histórica recusa essa posição, pois para ela é intolerável assumir tal função de objeto. A histórica, então, identifica-se com o homem e também com a mulher para buscar na figura da outra mulher a resposta aos seus questionamentos acerca do que é uma mulher e de como é ser uma mulher amada por um homem desejante. E afinal, o que é uma mulher? Essa busca é constante e determina justamente que a mulher *não* é; ela *torna-se*, abrindo assim possibilidades infinitas de cadeias significantes que a representem e que não a definam ou limitem.

Palavras-chave: Freud, histeria, outra mulher, Lacan, feminilidade.

MACHADO, Gabriela Mendes: *Hysteria and femininity enigma: an psychoanalytic reading.* 2013.

Mentor: Prof.^a Sandra Tíferes

ABSTRACT

The hysterical studies inaugurated the Psychoanalysis. After an early treatment guided by a medical training, abreaction and trauma concepts, Freud abandoned hypnosis, proposed the talking cure and elaborated the fantasy theory. Although his work's focus had been the human sexuality study in general, the interest in women's sexuality remained always present. Among various texts dealing with this issue, devoted an entire conference to femininity (1933) and attempt to understand about woman's desires. Concluded that *become a woman* was a long and complex journey, beyond organic and biological causes. However, aware his theory's limitations, left in poet's charge the hope of knowing more about women. Lacan, whose initial proposal was a Freudian rereading, also paid special attention to this subject. Proposed a comparison between President Schreber case and the hysterical issue, and began several formulations about what is to be a woman – unlike Freud, who studied *the woman* – proposing the *to be* or *to have* the phallus dialectic, in which the woman makes herself the phallus to be loved by a man, and to be able to become the desire object cause. The issues about the femininity enigma are many, and among them, we highlight in this study the difficulties related to hysterical in their access to femininity. While the woman agrees to be a man's object desire, hysterical refusal this position because it is intolerable to assume such an object function. Then, the hysterical are able to identify herself with the man and also the woman to get other woman's figure to answers their questions about *what is a woman* and how is to be a woman loved by a desiring man. And after all, what is a woman? This search is constant and determines that woman is not, she becomes, thus opening up endless possibilities signifying chains that represent her and not to define or limit.

Key words: Freud, hysteria, other woman, Lacan, femininity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. REFERENCIAL TEÓRICO	9
2.1. HISTERIA EM FREUD.....	9
2.2. HISTERIA EM LACAN	26
2.3. A OUTRA DA HISTÉRICA	44
3. CONCLUSÃO	66
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71

SUMMARY

1. INTRODUCTION	7
2. THEORETICAL	9
2.1. HYSTERIA IN FREUD.....	9
2.2. HYSTERIA IN LACAN	26
2.3. THE HYSTERICAL'S OTHER.....	44
3. CONCLUSION	66
REFERENCES	71

1 – INTRODUÇÃO

A história da Psicanálise está estreitamente vinculada à histeria. A partir dos seus estudos iniciais com Breuer e posteriormente com Charcot, Freud vislumbrou os fenômenos da divisão psíquica, que o permitiram conceituar o *inconsciente*. Ainda por meio do estudo das histéricas, o autor pôde formular a técnica e o modelo analítico: um tratamento pela fala.

Primeiramente guiado por sua formação médica, contando com a noção de ab-reação e trauma, Freud descreve em *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895) e *Estudos Sobre Histeria* (1893-1895) o caminho que percorreu desde as explicações fisiológicas dos estados psicopatológicos (falando da “compulsão histérica”) até chegar às explicações psicológicas. Posteriormente, desloca a ênfase dos traumas para as fantasias infantis, reconhecendo a importância da realidade psíquica e concebendo uma visão “dinâmica” dos processos mentais.

Em *A Hereditariedade e a Etiologia das Neuroses*, de 1906, Freud traça um paralelo entre a passividade tipicamente feminina em detrimento ao elemento ativo na relação sexual como causa das obsessões, mais comumente presente entre os homens.

Embora pela prática clínica seja possível afirmar que existe um número muito maior de histéricas-mulheres do que histéricos-homens, é importante ressaltar que a histeria não está relacionada a questões de gênero, uma vez que tornamo-nos homens ou mulheres ao atravessar o percurso edípico. A partir da travessia edípica é que nos tornamos sexuados, marcados pelas identificações e ideais considerados próprios ao gênero, que nos darão a possibilidade imaginária de pertencer a um grande subgrupo – dos homens ou

das mulheres. Mas isso só é possível se nos colocarmos dispostos a sacrificar algumas possibilidades de satisfação da pulsão (dentre outras, uma que será primordial no andamento do seguimento estudo são as pulsões bissexuais, primárias no ser humano, mas que retomaremos adiante) (KEHL, 2008).

Na histeria, um encontro com o sexual que deveria ser agradável e prazeroso, é vivido como repugnante, gerando asco e nojo. Esse encontro ocorre sempre de uma maneira passiva, tanto no primeiro tempo do trauma, de forma precoce, quando o sujeito ainda não deseja; quanto no segundo tempo, momento em que a experiência é resignificada.

O sujeito histérico, para Freud, pode ser caracterizado pelo sintoma conversivo e pelo desejo insatisfeito, portando um caráter de desafio e rivalidade. O sintoma conversivo é a expressão do desejo recalcado, ocorrendo apenas na presença da submissão somática de algum órgão, realizando, assim, a fantasia sexual (SOUZA, 2009).

Lacan considera a histeria pela via do desejo insatisfeito, não fazendo o diagnóstico pelo sintoma, uma vez que entende que outras estruturas podem também apresentar sintomas conversivos.

O presente trabalho estuda o conceito de histeria para Freud e Lacan e sua relação com a outra mulher, a partir de releituras de casos clínicos, além de outros textos fundamentais da Psicanálise para a discussão do tema em questão. Assim, a histeria será estudada a partir do viés feminino, retomando os questionamentos acerca da feminilidade e sobre o que é e o que quer uma mulher.

2 – REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 - Histeria em Freud

No vol. I das Obras Completas, em texto intitulado *Histeria*, de 1888, Freud inicia conceituando historicamente o termo. A palavra “*histeria*” (do grego ὑστέρα, útero) teve origem nos primórdios da medicina e vinculava as neuroses às doenças do aparelho genital feminino. Na Idade Média era ligada à possessão por demônios e feitiçarias. Séculos depois, com o avanço dos estudos ligados à medicina, foi considerada simulação e exagero e até indigna de observação médica. Alterações vieram apenas após os estudos clínicos de Charcot.

Embora ressaltasse que a histeria fosse “*uma neurose no mais estrito sentido da palavra*” (1888, p. 79), não sendo observada nenhuma causa orgânica para seu surgimento, Freud, num primeiro momento ainda muito influenciado por sua formação médica, acreditava que essa neurose derivasse de modificações fisiológicas do sistema nervoso, fundamentada “*numa distribuição diferente de excitações, provavelmente acompanhada de um excesso de estímulos no órgão da mente*” (1888, p. 99), distribuídas por ideias conscientes e inconscientes, tendo em mente o conceito de ab-reação e trauma. Reconhecendo não ter ainda os conhecimentos necessários para o real entendimento do tema, Freud definia a neurose de uma maneira nosográfica, ou seja, pelo sintoma. Enumerou: ataques convulsivos, excitação das zonas histerógenas, distúrbios da sensibilidade, distúrbios da atividade sensorial, paralisias, contraturas, dentre outras características gerais, como

intensidade e mutabilidade dos sintomas e alterações na distribuição normal das quantidades estáveis de excitação no sistema nervoso.

O autor ainda acreditava que a histeria devesse ser um estado hereditário que eclodisse de tempos em tempos, podendo ser citados os seguintes fatores: trauma, intoxicação, luto, emoção e doença consumptiva.

Freud foi então à França, onde teve contato com os estudos de Charcot. O médico francês pensava a histeria como uma doença produzida por uma representação carregada intensamente de afeto e acreditava que a força desse afeto se transpunha para o corpo e a partir daí o sintoma somático era constituído. Charcot demonstrava e provava sua teoria produzindo sintomas a partir da sugestão hipnótica (FREUD, 1925).

Voltando à Viena, Freud estabeleceu uma relação de grande amizade e troca de conhecimentos intelectuais com o importante médico da cidade, Josef Breuer. Breuer relatou alguns de seus casos, entre eles, aquele que seria considerado o marco inicial da Psicanálise, o caso Anna. O. Breuer relatara à Freud como conduzira o caso da jovem histérica, na qual o impacto da doença e dos cuidados dispensados ao pai desencadearam fortes sintomas. A paciente em questão produzia muito material a partir do seu inconsciente e tudo que Breuer tinha que fazer era ouvi-la atentamente, sem interromper ou leva-la a encurtar o assunto.

Assim, os autores publicaram suas descobertas conjuntas e casos no livro *Estudos Sobre a Histeria* (1893-1895). Nessa publicação, Freud e Breuer introduziram suas ideias sobre a doença, localizando a gênese dessa patologia em uma fonte da qual os pacientes relutavam em falar ou mesmo não conseguiam discernir sua origem. Essa origem seria recorrente de um trauma

psíquico sofrido na infância, em que uma representação vinculada a um afeto teria sido isolada do circuito consciente de ideias, de modo a dissociar o afeto e descarregá-lo no corpo. Por meio da hipnose, acreditavam que o paciente era capaz de remover os sintomas histéricos, uma vez que esta atingia diretamente o mecanismo dos distúrbios e produzia neles efeitos psíquicos.

Freud, porém, percebeu que nem todas as pacientes respondiam ao tratamento, e pouco a pouco abandonou suas tentativas de provocar a hipnose e se contentava em levar os pacientes a um processo de concentração. Concebeu, juntamente com Breuer, um método que produzisse os mesmos efeitos da sugestão, mas sem precisar submeter o paciente à hipnose: tratamento catártico.

Ao longo dos casos clínicos dos *Estudos*, percebeu-se uma evolução gradual das descobertas freudianas. Enquanto no relato do atendimento de Anna O., se limitava a apenas descrever os sintomas da paciente, nos demais casos era notável o esforço investigativo que ia além da simples eliminação dos sintomas, indo em busca de suas causas.

Ainda tendo em mente tal desenvolvimento da teoria, após o relato do caso da Srta. Elisabeth von R., Freud se propôs a examinar os prós e contras do método catártico, apresentando sua hipótese de uma etiologia sexual das neuroses¹, enfatizando a importância do diagnóstico antes da escolha terapêutica e colocando o método catártico como uma terapia sintomática e não causal.

¹ Embora inicialmente os estudos com o médico vienense tenham sido de extrema importância para Freud, Breuer não compartilhava das ideias acerca da etiologia sexual da histeria, o que levou posteriormente ao fim da parceria.

Freud apontava ainda a dificuldade em hipnotizar os pacientes e a percepção de que as lembranças relatadas causavam neles próprios intenso desconforto, deparando-se então com a ideia do recalçamento como uma defesa.

Freud (1893-1895) vislumbrou também o fenômeno da *resistência*, que ele explicou sendo o ato de “*superar uma força psíquica nos pacientes que se opunham a que as ideias patogênicas se tornassem conscientes*” (p. 325) e que essa mesma força desempenhava um papel na gênese do sintoma histérico e impedia, na ocasião, que a ideia patogênica se tornasse consciente.

Para Freud, a direção do tratamento deveria ser concebida pela investigação cuidadosa dos pontos que escapavam ou ficavam obscuros na fala dos pacientes. A avaliação das imagens e das lembranças que surgissem ao longo do relato seriam o guia da análise e o médico deveria atentar-se à inutilidade de ir direto ao núcleo da organização patogênica, pois ainda que o conteúdo desta fosse adivinhado, o paciente não seria capaz de saber o que fazer com essa descoberta e, portanto, não produziria a mudança esperada.

Em *A Etiologia da Histeria* (1896), Freud ressaltou que para chegar à cena traumática é necessário que a mesma atenda a duas condições: possuir a adequação para funcionar como um determinante e a necessária força traumática. Entretanto, ao longo dos atendimentos, percebeu que muitas lembranças não se enquadravam nesses quesitos previamente observados e que não pareciam adequadas para a determinação do sintoma, sendo inócuas e até triviais. Não obstante, deu sequência à investigação analítica e surgiram outras cenas que puderam clarificar seus questionamentos. Inferiu – e depois concluiu que essa suposição era correta – que por trás da primeira cena traumática pudesse ocultar-se outra lembrança que funcionaria como elo

associativo à essa cena mais remota e que transições deste tipo se faziam necessárias ao processo de reprodução do paciente, a fim de que abrissem caminho ao sintoma histérico e à cena efetivamente traumática².

Freud afirmava que a mais importante descoberta a que chegou a partir da análise dos casos clínicos, foi que, independente de qual sintoma utilizasse como ponto de partida, invariavelmente chegaria a uma experiência sexual. Essa constatação o levou a concluir que pela primeira vez havia se deparado com uma condição etiológica dos sintomas histéricos.

O autor então baseou sua teoria na ideia de que em todos os casos de histeria havia uma ou mais ocorrência de experiência sexual prematura ocorridas na primeira infância e que eram revividas num segundo momento, geralmente na puberdade.

Vislumbrando as críticas posteriores ao conteúdo exposto na conferência, Freud adiantou que tal descoberta foi verificada nos 18 casos de histeria por ele atendidos até então e que tinham sido resultado do método de interrogação dos pacientes, abandonando de uma vez o método catártico de Breuer.

O autor passou então a estudar os sonhos, entendendo que no estado de sono eram produzidos materiais inconscientes de grande relevância. Em um material de análise relatado no livro *A Interpretação dos Sonhos* (1900), Freud, pela primeira vez, falou de desejo. Lacan vai chamar esse texto de *A Bela Açougueira*.

² É importante ressaltar que a cadeia associativa não possui apenas dois elos; as lembranças ramificam-se e interligam-se a diversas experiências anteriores, sendo possível, inclusive, que diferentes sintomas comecem a relacionar-se entre si.

Eis o sonho em questão:

Eu queria oferecer uma ceia, mas não tinha nada em casa além de um pequeno salmão defumado. Pensei em sair e comprar alguma coisa, mas então me lembrei que era domingo à tarde e que todas as lojas estariam fechadas. Em seguida, tentei telefonar para alguns fornecedores, mas o telefone estava com defeito. Assim, tive de abandonar meu desejo de oferecer uma ceia (p. 181).

Esta paciente desejava comer sanduíche de caviar todas as manhãs, o que seu marido fazia de bom grado, mas ela lhe implorava para que ele não o fizesse. Freud se perguntava qual era a função de tal desejo insatisfeito.

A paciente associava esse sonho a um pedido de uma amiga muito magra e que desejava engordar, que fizesse um jantar em sua casa. O marido da paciente, apesar de ter clara preferência pelas mais “cheinhas”, elogiava constantemente a amiga, o que causava ciúmes na paciente. Assim, Freud interpretou o sonho como desejo de não ajudar a amiga a engordar, para que essa não agradasse ainda mais seu marido.

Freud, entretanto, continuou intrigado sobre o significado do salmão defumado no sonho. A paciente respondeu ser o prato preferido da amiga. Por acaso, Freud conhecia essa amiga e sabia que, pelo salmão defumado, ela tinha o mesmo apreço que a paciente pelo caviar.

A primeira interpretação de Freud visava à identificação: por se identificar com a amiga é que a paciente se permitia um desejo não realizado. O autor, assim, distinguiu a identificação histórica de um simples contágio, de uma imitação. Ele chegou à conclusão de que a paciente colocou-se no lugar da amiga no sonho, pois esta estava ocupando o lugar da paciente junto ao

marido e porque a paciente queria tomar o lugar da amiga no alto conceito em que o marido a tinha.

Em 1901, Freud iniciou o atendimento de uma jovem histérica de 18 anos. *O Caso Dora*, como ficou conhecido o atendimento clínico considerado o paradigma da histeria e que será o ponto de partida para as demais discussões no presente trabalho, foi publicado no volume VII das Obras Completas de Freud. Em texto intitulado *Fragmento da Análise de um Caso de Histeria* (1905/1901), o autor nos relata a história dessa jovem histérica, madura para sua idade, bem articulada e muito culta, que sofria de severos sintomas conversivos (dispneia, tosse nervosa, afonia, enxaqueca, dentre outros) e que já havia sido consultada por inúmeros médicos, sem nenhum resultado positivo e se recusava a passar por novos tratamentos.

O termo “fragmento” foi empregado, pois, o relato em si ainda possuía muitos enigmas a serem desvelados, alguns pontos da análise estavam incompletos e Freud não pôde alcançar ou inferir certos conteúdos devido ao abandono do caso pela própria paciente, três meses após o início do tratamento.

Dora era muito apegada ao seu pai, um grande industrial, que na época em que Freud a atendeu, tinha por volta de 50 anos e garantia à sua família uma situação financeira muito cômoda. Já as descrições que Dora e seu pai faziam em relação à mãe da jovem fizeram Freud imaginá-la como uma mulher inculta, fútil e que concentrava todos os seus interesses nos assuntos domésticos. A relação de Dora e da mãe era pouco amistosa e a filha a criticava severamente.

O pai de Dora levava a filha relutante para tratamento, sob a queixa de estar ela muito intransigente e inamistosa com a família. A jovem, porém, contava uma história diferente: dizia ser vítima de uma troca maliciosa entre seu pai e um senhor do seu convívio, o K.

Os K eram um casal de amigos muito próximos da família da moça, que no presente causavam incomodo à ela, mas antes eram muito do seu agrado. Dora tinha uma relação de confiabilidade extrema com a sra. K e era muito querida pelo Sr. K.

Dora afirmava saber desde o começo de uma relação íntima do pai com a Sra. K e até certo ponto isto não se apresentava como um problema; mas em dois anos, após um incidente no lago no qual o Sr. K se declarou apaixonadamente para ela, revelando que sua mulher, para ele, nada significava, a situação mudou. Dora exigiu de sua família que cortasse relação com os K. Freud então pôs em evidência que a própria Dora sustentava a relação extraconjugal do pai, tornando-se cúmplice e complacente e começou a questioná-la sobre o que mudara após a cena do lago.

Em uma cena anterior, quando Dora tinha 14 anos, o Sr. K a surpreendera com um beijo em sua loja. Por meio das investigações das lembranças, Freud percebeu que a moça possuía conhecimentos sobre a vida sexual e interpretou seu repúdio pelo Sr. K como sinal de interesse amoroso por ele. Porém, algo não se encaixava nessa explicação: se Dora era apaixonada pelo Sr. K, porque rejeitara, com tamanha intensidade, seu interesse por ele?

O Sr. K negou veementemente a versão contada por Dora acerca da cena do lago, depreciando-a por ler certos livros com conteúdos indecorosos

para uma moça e afirmando que uma jovem que “*se interessa por aquelas coisas não podia ter nenhuma pretensão ao respeito de um homem*” (1905/1901, p. 66).

Outro ponto que chamou a atenção de Freud foram as frequentes críticas da paciente em relação ao seu pai, que denotavam duas inversões: 1) a crítica como um disfarce à autocrítica, mecanismo comum entre as crianças; e 2) as referências de Dora a seu pai como um “homem de posses”, o que ela considerava ser a fonte de interesse da Sra. K, e que Freud entendeu como o inverso: o pai sendo um homem sem recursos (impotente). Daí, Freud conseguiu vislumbrar a relação desta constatação de Dora com sua tosse nervosa: sendo o pai um homem impotente, a única maneira de obter prazer sexual com a Sra. K seria por meio da felação, representada por Dora como o sintoma da tosse.

Freud fez uma leve referência à inclinação de Dora pela Sra. K, revelando admiração pelo seu “*belo corpo alvo*” (1905/1901, p. 65), num tom mais apropriado a um amante do que a uma rival derrotada. Vale lembrar que somente a Sra. K poderia ter entregue ao marido elementos que caluniassem a moça, pois apenas com ela é que Dora havia conversado sobre Mantegazza e outros temas proibidos. A amada amiga teria então a traído e, ainda assim, a jovem nunca se referia a ela de forma raivosa.

Assim, Freud (1905/1901) já apontava para uma inclinação homossexual de Dora, reforçando que:

Por trás da sequência hipervalente de pensamentos que se ocupavam com as relações entre o pai de Dora e a Sra. K ocultava-se, de fato, um impulso de ciúme cujo objeto era essa mulher – ou seja, um impulso que só poderia fundamentar

numa inclinação para o mesmo sexo. [...] Em circunstâncias favoráveis, a corrente homossexual amiúde seca por completo, mas, quando não se é feliz no amor por um homem, ela torna a ser despertada pela libido nos anos posteriores e é aumentada em maior ou menor intensidade [...] Nas mulheres e moças histéricas cuja libido sexual voltada para o homem é energicamente suprimida, constata-se com regularidade que a libido dirigida para as mulheres é vicariamente reforçada e até parcialmente consciente (p. 64)

Freud, então, passou a investigar como eram suas relações com a Sra. K até o rompimento. Dora relatou que elas haviam vivido, durante anos, na mais estreita intimidade. A jovem era a confidente e conselheira da mulher em todas as dificuldades de sua vida conjugal e que não havia nada que não conversassem. Partilhavam ainda o mesmo quarto, sendo o Sr. K desalojado.

Freud pontuou que os constantes pensamentos sobre a relação do pai com a Sra. K teriam não só a função de suprimir o amor de Dora pelo Sr. K, mas de ocultar seu amor pela Sra. K, que era inconsciente num sentido mais profundo.

Dora trazia para Freud seus sintomas; “produzia” em seu corpo falas intermináveis a partir de sua histeria, e assim, pela via da conversão histérica, essas marcas narravam sobre a insatisfação do seu desejo.

Em nota, Freud chegou a indicar que houve um erro de sua parte, por não ter compreendido o apego homossexual à Sra. K e que essa era a verdadeira significação do estabelecimento da posição primitiva de Dora, e, ao mesmo tempo, de sua crise.

Apesar dos equívocos neste caso, Freud já vislumbrava a importância da fantasia histórica em detrimento à realidade. Em *Fantacias Históricas e sua Relação com a Bissexualidade* (1908), expôs como o papel das fantasias determinava os sintomas neuróticos. Essas fantasias, que na primeira infância eram conscientes e vinculadas à masturbação, gradualmente eram deixadas de lado à medida que o sujeito tentava desvencilhar-se da satisfação masturbatória. Porém, uma fantasia inconsciente tem uma conexão muito importante com a vida sexual do sujeito, uma vez que ela é idêntica à fantasia que serviu para lhe dar inicialmente satisfação. No caso da histeria, tais fantasias inconscientes são os precursores psíquicos imediatos de diversos sintomas. Freud pontuou que quando a neurose está desenvolvida e instaurada, um determinado sintoma não corresponde a uma única fantasia inconsciente, mas a várias fantasias desse gênero. Essas fantasias estariam na base do caráter bissexual da histeria, pois funcionariam como auxiliares da auto-excitação masturbatória e a partir delas seria montada uma encenação do ato sexual, em que a mulher faria o papel dos dois sexos.

Ainda sobre a fantasia feminina, Freud desenvolveu um raciocínio que foi amplamente discutido na conferência *A Feminilidade* (1933). Neste trabalho, o autor insistiu, inicialmente, em discutir as diferenças orgânicas e antropológicas entre os sexos, a fim de provocar o questionamento acerca do enigma da feminilidade. Interou que a Psicanálise não tentava descrever o que é a mulher, mas indagar como é que a mulher se forma e se desenvolve, desde a criança dotada de disposição bissexual, passando por um processo mais difícil e complexo do que o do homem. Ambos os sexos parecem atravessar da mesma forma as fases iniciais de desenvolvimento libidinal, apresentando os mesmos graus de agressividade e curiosidade na primeira infância, não

reconhecendo a diferenciação sexual. Entretanto, para a mulher, o caminho para a aquisição da feminilidade é mais complicado: primeiro, porque deve deslocar a zona de prazer, do clitóris para a vagina, e segundo, pois deve abandonar a mãe como objeto de amor.

Em *Algumas Consequências Psíquicas da Diferença Anatômica entre os Sexos* (1925) – Freud já tentava expor como “nasce uma mulher”, utilizando-se da argumentação da pré história do Complexo de Édipo feminino. Afirmava que a menina não ama seu pai desde o início, ela só é conduzida ao amor do pai progressivamente por meio da sua relação com a mãe. Até esse texto, Freud supunha que o desenvolvimento acerca da sexualidade da menina fosse semelhante ao modo como ocorria com o menino, e por isso, até ali, as investigações tinham a criança do sexo masculino como tema.

Em releitura à Freud, Safouan (1976) afirmou que há um tempo em que tudo ocorre da mesma forma para a menina e para o menino. Ele enumerou duas semelhanças desta etapa:

- 1) A mãe é objeto de desejo tanto para a menina quanto para o menino e a rivalidade e desejo de morte são focados no pai;
- 2) A menina também acredita haver apenas um só órgão sexual: o falo³.

Entretanto, para a menina, surgem dois problemas:

- 1) O menino deve abrir mão do seu objeto de desejo por outra mulher; já a menina deve fazer essa renúncia por um objeto de outro sexo;

³ É digno de nota que, ao utilizar o termo *falo*, Freud não se refere ao pênis e sim a um órgão essencialmente imaginário. O falo é o pênis enquanto podendo faltar.

- 2) O falo continua do lado do menino, enquanto a menina deve reconhecer que não tem o falo e que seu clitóris não corresponde à ele, em detrimento à vagina.

Retomando o texto de 1933, para o menino, a mãe é o seu primeiro objeto de amor e assim permanece durante a formação do Complexo de Édipo, e, essencialmente, por toda a vida. Considerando que as primeiras catexias objetais ocorrem a partir da satisfação das necessidades vitais e demais circunstâncias à criação dos filhos, pode-se afirmar que também para a menina, a mãe é o primeiro objeto de amor. Ocorre, porém, que na situação edipiana, a menina volta seu amor ao pai e, no curso normal do desenvolvimento, abandona esse objeto amoroso paterno em detrimento à sua escolha definitiva. Assim, percebe-se que a menina deve mudar de zona erógena e de objeto, enquanto o menino mantém ambos. Freud questionou de que forma tais mudanças de vinculação ocorriam e a fim de conseguir responder a tais perguntas, se propôs a conhecer a natureza das relações libidinais da menina com a sua mãe.

Retomando seus estudos anteriores acerca da fantasia da sedução e da formação sintomática a partir destas fantasias, Freud salientou que na fase pré-edipiana, o sedutor era a mãe. Era ela a responsável pelos cuidados básicos e higiênicos da criança e essas ações incentivavam e estimulavam sensações prazerosas nos seus genitais. Entretanto, esse amor inicial transformava-se em hostilidade e ódio, e podia durar pela vida toda. Geralmente, uma parte era superada, e a outra resistia.

Freud, na fala de suas pacientes, relatou essa revolta em frequentes acusações sobre falhas na amamentação e cuidado por parte da mãe; ou o

leite dado não fora suficiente, ou o nascimento de um irmão fizera com que fosse negligenciado o cuidado com a primeira criança. O sentimento era de um ódio ciumento em relação ao novo bebê e um ressentimento contra a mãe que o trocou. Muitas vezes, esse sentimento manifestava-se como uma desagradável mudança de conduta por parte da criança, já que as exigências de amor são ilimitadas, não aceitando partilha.

Ainda sobre o “esperar um filho do pai” e suas consequências quando o desenvolvimento não ocorre da maneira esperada, podemos relembrar o caso da Jovem Homossexual. Em texto intitulado *A Psicogênese de um Caso de Homossexualismo numa Mulher* (1920), Freud relatou a história de uma jovem de 18 anos, ‘, inteligente e de boa família que desenvolveu uma adoração por uma “dama da sociedade”, cerca de dez anos mais velha, com uma reputação bastante duvidosa.

A família começou a estranhar seus comportamentos quando, aos 15 anos, sua mãe ficou grávida novamente e a jovem ficou indiferente à gravidez e a uma criança de quem costumava cuidar com muito carinho e ternura. Mudou radicalmente após o nascimento do irmão, começando a se interessar por mulheres mais velhas, de 30 a 35 anos, com filhos, até conhecer essa dama, por quem agia de maneira perdidamente apaixonada. Para Freud, a jovem fez uma “inversão”, saindo do desenvolvimento “normal”, heterossexual, passando a homossexualidade.

É importante pontuar que a mãe tinha uma clara preferência pelos irmãos, rejeitava a única filha, não a reconhecia como mulher, rivalizava com ela e não abria caminho para a feminilidade.

A jovem, no auge da sua puberdade, esperava do pai o falo, que acabou sendo dado à sua mãe. O pai rompeu a promessa fálica e deu o falo para a Outra, sua rival. Assim, a jovem sofreu uma decepção, repudiando inteiramente seu desejo de um filho, o amor dos homens e o papel feminino em geral. Passou a rivalizar com a mãe e a desafiar o pai.

A jovem se transformou em homem e tomou a mãe, no lugar do pai, como objeto de amor. Assim, nasceu a busca por uma mãe substituta, a quem poderia ligar-se apaixonadamente.

A jovem “procurava” um encontro com o pai, uma vez que passeava com a dama pelas imediações do trabalho dele. Esse desafio descarado tinha como intuito feri-lo e vingar-se dele. Ela queria justamente mostrar ao pai como ela própria gostaria de ser amada. Freud afirmou que a jovem agia da forma com o homem ama, ou seja, de uma maneira idealizada, em que coloca a mulher amada em um pedestal e renuncia à satisfação sexual. Aos seus olhos, a dama era maternal e feminina, e o amor que sentia era sagrado, platônico. A má reputação da dama era condição necessária para o amor, uma vez que justamente seu amor iria restaurá-la e repararia a degradação social da fama.

Voltando mais uma vez ao texto *A Feminilidade* (1933), o ponto para Freud era que essas desfeitas, desapontamentos de amor e ciúme também estavam presentes na relação do menino com a mãe e mesmo assim não eram capazes de afastá-lo do objeto materno.

Percebeu-se aí o problema da castração como o verdadeiro responsável pelo rompimento da menina com a sua mãe. Diante da percepção da diferença anatômica entre os sexos, a menina culpa a mãe por não ter o pênis (uma vez que a mãe também é desprovida desse órgão) e não a perdoa por ter sido

colocada em desvantagem. O complexo de castração na menina, assim como no menino, também se inicia ao se deparar com os genitais do outro sexo. Porém, os meninos temem perdê-lo, recordando-se das ameaças sofridas no período masturbatório e essa é a força motriz do seu desenvolvimento subsequente, enquanto as meninas sentem-se injustiçadas e tornam-se vítimas do que Freud chamou de *“inveja do pênis”*, e isso as marcará intensamente, representando um ponto decisivo no seu desenvolvimento. Apesar de reconhecer a falta do pênis, a menina não se submete à isso com facilidade e alimenta a ideia de possuir algo que se assemelhe a este, e volta sua atenção ao pai, portador do objeto desejado.

A descoberta de que é castrada pode levar a três prováveis caminhos: 1) a inibição sexual, eclodindo numa neurose; 2) a modificação rumo ao complexo de masculinidade; e 3) à feminilidade normal.

No primeiro caso, a menina renuncia ao prazer clitoriano (fálico) proveniente da masturbação, repudiando seu amor pela mãe e reprimindo suas inclinações sexuais em geral. Após a descoberta de que a mãe é castrada, torna-se possível abandoná-la como objeto e, ao renunciar também ao ato masturbatório, suas ações passam a ser regidas pela passividade, buscando no pai o caminho para a sua feminilidade. O desejo que leva a menina a voltar-se ao pai é o desejo de possuir o pênis que a mãe não lhe deu e que espera obter do pai. Posteriormente, o desejo do pênis será substituído pelo desejo de um filho, e somente após esta equivalência simbólica a mulher entrará no Édipo. A castração no homem determina o rumo para a finalização do Édipo, com o abandono da mãe como objeto de amor e abre caminho para o desenvolvimento da sua sexualidade, uma vez que não há necessidade de fazer o deslocamento do prazer sexual e nem inverter o objeto desejado. Já

com a menina acontece quase o oposto, pois o complexo de castração prepara para o Édipo, ao invés de levar para a sua dissolução. Essa entrada no Édipo mostra-se um caminho árduo e difícil e pode ser ainda postergada, caso a mulher mantenha-se na ilusão da aquisição fálica. A menina é forçada a abandonar sua ligação com a mãe por meio da influência da inveja do pênis e entra na situação edipiana como se fosse um refúgio. Na menina, falta o temor de castração e por isso, a formação do superego sofre algum prejuízo.

No segundo caso, o que ocorre é a recusa da constatação de que é castrada, o que faz com que a menina retorne à masculinidade da primeira infância, na qual a diferença anatômica sexual era ignorada e volte a se apegar à atividade clitoriana e se refugiando na identificação à mãe fálica ou com o pai.

Em relação à feminilidade, Freud acrescentou que esta fica exposta a diversos fatores oriundos do período masculino inicial e que regressões às fixações na fase pré-edipiana são comuns. Assim, existe uma alternância entre períodos em que a masculinidade ou a feminilidade predominam. Freud também pontuou que, em virtude da inveja do pênis e como uma forma tardia de compensação pela inferioridade sexual original, para a mulher é mais importante ser amada do que amar, evidenciando uma quantidade maior de narcisismo.

Concluído o propósito de apresentar um panorama das descobertas iniciais de Freud acerca da histeria e o desenvolvimento dos seus estudos diante da potencialidade da fantasia na configuração do sintoma, daremos sequência à exposição das ideias lacanianas.

II - Histeria em Lacan

Neste capítulo, serão abordados alguns textos de Lacan acerca da histeria⁴. No Seminário 3 (1955-1956), Lacan abriu um parêntese em seu estudo sobre a psicose para dedicar duas lições à histeria. No texto *A questão histórica*, o autor propôs uma comparação entre o caso do presidente Schreber e a questão histórica, a partir de um estudo acerca dos mecanismos imaginários que dificultam a passagem da fala por meio do acesso ao inconsciente.

Discutiu longamente uma observação de histeria traumática descrita por J. Eisler em 1921. Tratava-se de um homem de 33 anos, condutor de trem, cuja doença começou depois de um acidente que provocou sua queda do veículo. Levado ao hospital, após diversos exames, nada foi constatado. Apenas mais tarde é que aparecem as crises de dor e perdas de consciência. Lacan observou que o que provocou a descompensação da neurose não foi o acidente, mas as radiografias realizadas posteriormente. Pelas peculiaridades do exame, as crises fizeram pensar em uma fantasia de gravidez. Foi imposta então a seguinte questão ao sujeito: *“Será que sou ou não alguém capaz de procriar?”* (p.195). Esta questão situa-se ao nível do Outro⁵, de modo que a integração da sexualidade está ligada ao reconhecimento simbólico.

Para analisar esse caso, relacionou-o à fantasia delirante de Schreber e

⁴ É importante ressaltar que Lacan propôs uma revisão à obra freudiana e seus primeiros textos foram dedicados extensivamente à esse propósito.

⁵ Lugar simbólico ao qual se endereça todo discurso. Este “Grande Outro” é o lugar onde as primeiras manifestações do bebê foram traduzidas em palavras e reconhecidas como demanda de um sujeito.

identificou a histeria masculina como uma interrogação do sujeito sobre sua identidade sexual, ser homem ou mulher. Em paralelo, introduziu a questão da histeria feminina também encontrada em Dora, que se questionava sobre “*O que é ser uma mulher?*” e, mais especificamente, “*O que é um órgão feminino?*” (p. 197).

Tais questões passaram a ser investigadas com mais propriedade no texto seguinte *A Questão Histórica (II): “O que é uma mulher?”*, no qual Lacan iniciou pontuando que o neurótico é aquele que usa seu eu para colocar sua questão, e o faz não a colocando. Considerando o eu uma entidade imaginária, apontou o engano da Psicologia do Ego, altamente difundida na época, por centrar suas intervenções terapêuticas de forma a alimentar as ilusões com a realidade externa, ao invés de desmontá-las.

Dito isto, Lacan pontuou que Dora estava presa em um estado sintomático bem claro e que o erro de Freud na condução do caso foi tentar enquadrar seus sintomas como frutos de uma relação edípica positiva, deixando de lado o enigma que se colocava frente à Sra. K e seus sentimentos homossexuais em relação à ela. A questão colocada não era triangular, mas sim um quarteto: os K viviam numa espécie de relação a quatro com o par formado pelo pai e a filha e na qual a mãe estava ausente. O Sr. K surge como aquele que não é impotente – diferentemente do pai – e sim desejante.

Ele [Freud] se pergunta o que Dora deseja, antes de se perguntar quem deseja em Dora. E Freud termina por perceber que nesse balé a quatro – Dora, seu pai, o Sr. e a Sra. K -, é a Sra. K o objeto que verdadeiramente interessa a Dora, na medida em que ela própria está identificada com o Sr. K. A questão de saber onde está o eu de Dora fica assim resolvida –

o eu de Dora é o Sr. K. A função preenchida no esquema do estádio do espelho pela imagem especular, em que o sujeito situa seu sentido para se reconhecer, onde pela primeira vez ele situa o seu eu, esse ponto externo de identificação imaginária é no Sr. K que Dora o coloca. É na medida em que ela é o Sr. K que todos os seus sintomas adquirem o seu sentido definido (LACAN, 1955/1956, p. 200).

A afonia de Dora se produzia durante as ausências do Sr. K. Diferentemente do interpretado por Freud, que admitia que talvez não lhe houvesse mais necessidade de falar e bastava-lhe escrever, Lacan respondeu que a afonia surgia porque ela era deixada só, diante da Sra. K. Sendo seu pai impotente, tudo que Dora podia perceber das relações dele com a Sra. K provinham da felação, que parecia bem mais significativo para compreender a intervenção dos sintomas orais.

Partindo de *Algumas Consequências Psíquicas a Respeito da Diferença Anatômica entre os Sexos* (1925), Lacan fez um extenso desenvolvimento a respeito da dissimetria do Édipo, entendendo ser essa dissimetria, que ele vai situar no nível do simbólico, mais prevalente que a mudança do objeto de amor ao qual a menina está fadada. Não há uma simbolização do sexo da mulher; o que o imaginário fornece em relação ao sexo do homem é uma ausência. É a ordenação simbólica que regula a diferença entre as identificações dos sexos no Complexo de Édipo.

A função do eu na histeria está ligada à relação do sujeito com aquilo a que pode corresponder o significante. O autor afirma que é uma *Gestalt* fálica e não a prevalência do objeto materno que força a menina a seguir durante certo tempo o mesmo caminho que o menino.

Aí, Lacan expõe o início da sua teoria do falo. É pela prevalência do falo, simbólico, que se estabelece uma identificação imaginária ao pai, tanto na menina quanto no menino. No nível da experiência, a menina deveria ter um acesso direto à sua feminilidade. O que, para Dora, não acontece de maneira tão simples. Ao se interrogar sobre o que é ser uma mulher, ela está tentando apreender imaginariamente o que não chega a simbolizar. É sua identificação ao homem portador do pênis que a aproxima desta definição que lhe escapa.

No Seminário 4 (1956-1957), Lacan discorreu sobre os três tempos do desenvolvimento da subjetividade em relação à frustração. O primeiro momento é aquele em que o jogo de presença e ausência marcam o sujeito; no segundo, o apelo e a resposta estabelecem o nível da frustração; já no terceiro momento, o outro estabelece uma regularidade, uma lei.

Ainda no Seminário 4, no texto *Dora e a Jovem Homossexual* (1956-1957), Lacan salientou que, em primeiro lugar, temos a posição da jovem homossexual quando ainda está na puberdade e estabelece uma equivalência imaginária pênis-criança com o pai intervindo em uma função simbólica, sendo o portador inconsciente do falo a ser dado. O Real invade esta posição imaginária quando o pai, de fato, oferece uma criança (Real) para a mãe, sendo impossível para a jovem sustentá-la. No segundo momento, o pai real intervém nesta criança que a jovem era, frustrada, produzindo a transformação da equação que se situa nos seguintes termos: o pai imaginário, a dama, o pênis simbólico. O terceiro momento se instaura por uma espécie de inversão da relação do sujeito com seu pai, que antes se situava na ordem simbólica e passa a ocorrer na imaginária e cujos termos se impõem em uma estrutura.

Esta estrutura configura-se em uma posição a ser tomada, quando da entrada da menina no Édipo, a mensagem original vinda do pai é entendida

como uma promessa de dar um filho para a menina, porém, tal promessa é desviada e encaminhada para uma cadeia metonímica de significantes.

Lacan afirmou que a histérica ama por procuração, é alguém cujo objeto é homossexual e aborda esse objeto por identificação a alguém de outro sexo.

O eu (*moi*) de Dora estava identificado com o Sr. K e era no ponto imaginário constituído pela personalidade do Sr. K que Dora estava ligada ao personagem da Sra. K. Além disso, a mulher não era importante apenas por constituir o objeto de escolha de Dora dentre outros objetos, nem apenas por estar investida da função narcísica. A real importância da Sra. K se dava a partir do momento em que ela era a questão de Dora (Lacan, 1956-57). A jovem não pôde ultrapassar o Édipo pela impotência do seu pai. Lacan afirma que a frustração primitiva na qual a menina se encontra em relação à sua mãe provém do objeto do qual a menina é frustrada; porém o desejo desse objeto subsiste nela e vai tornar-se signo de amor. A menina vai demandá-lo ao pai, que pode lhe dar simbolicamente. Mas Dora não doa, porque o pai não o tem.

O pai de Dora não dá para ela o objeto faltoso, que é o que ela espera, exatamente porque ele é impotente. Sua carência fálica é uma nota fundamental e constitutiva da posição da jovem. E Dora o ama, precisamente, pelo que ele não lhe dá. A construção dos seus sintomas só é possível se pensado dentro dessa posição primitiva, que se matem até o fim (LACAN, 1956-1957).

A histérica, então, passa a buscar o homem fálico, o homem de uma mulher, pois, por meio desse homem, ela o fará viril e poderá encontrar o falo, uma vez que esse homem pode manter a promessa do desejo. É como se

Dora se interrogasse da seguinte forma: “O *que é que meu pai ama na Sra. K.?*”.

A Sra. K se apresenta como algo que seu pai pode amar para além dela mesma. Aquilo a que Dora se apega é o que é amado por seu pai numa outra, na medida em que ela não sabe o que é [...] Dora se interroga: *O que é uma mulher?* E é na medida em que a Sra. K encarna a função feminina como tal que ela é, para Dora, a representação daquilo em que esta se projeta como sendo a questão. Dora está no caminho da relação dual com a Sra. K, ou melhor, a Sra. K é aquilo que é amado para além de Dora, e é por isso que Dora se sente, ela própria, interessada nessa posição. A Sra. K realiza aquilo que ela, Dora, não pode nem saber nem conhecer por essa situação em que não encontra onde se alojar. O que é amado num ser está para além daquilo que ele é, a saber, afinal de contas, o que lhe falta (LACAN, 1956-1957, p. 144).

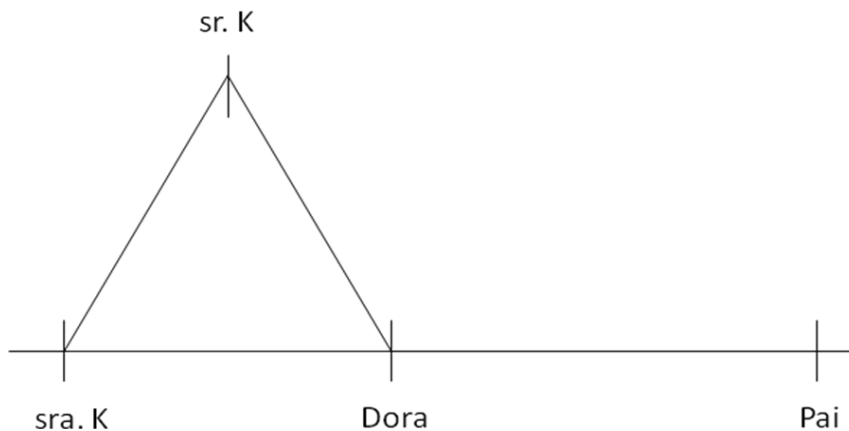
Lacan pergunta-se, o que é doar? No grau simbólico da relação de objeto, este pode ou não ser doado. O que é demandado na relação de amor, o que conta como signo de amor é o que não se tem. “*Não existe maior dom possível, maior signo de amor que o dom daquilo que não se tem*” p. 142 (1956-1957).

A doação implica a lei, e Lacan retomou a questão no plano sociológico: o dom é algo que circula, o que se dá é o que se recebeu. Porém, quando se trata do dom entre dois sujeitos, esse ciclo vem de outra parte, pois é em troca de nada que o dom é dado. Por trás do que o sujeito doa, há tudo aquilo que lhe falta; ele sacrifica além do que tem.



Dora situa-se então entre o pai e a Sra. K; como o pai ama a Sra. K, Dora sente-se satisfeita, desde que essa posição seja mantida. Tal posição é simbolizada de inúmeras maneiras distintas: o pai impotente supre todos os meios de doação simbólica – inclusive por doações materiais – aquilo que não efetua como presença viril. Ele faz, inclusive, com que Dora também se beneficie com generosidades, igualmente repartidas entre a amante e a filha, fazendo com que a jovem também participe dessa posição simbólica.

Como se tudo isso não bastasse, Dora tenta resgatar esta mesma relação, mas num sentido inverso. É diante da sra. K que ela restabelece uma situação triangular com o sr. K:



A sra. K, como a Madona Sistina, seria objeto de adoração de todos que a cercam e, como participante dessa adoração, Dora se situa em relação à ela. O sr. K é a maneira como ela normativiza essa posição relativa ao elemento masculino e a sra. K ocuparia, assim, o lugar que Dora ocupava naquele triângulo anteriormente formado com seu pai.

É interessante perceber que Dora não esbofeteia o sr. K quando ele a corteja, nem quando diz que a ama. A catástrofe para Dora se dá no momento em que ela ouve o sr. K lhe dizer que sua mulher nada é para ele (*Ich habe nichts na meiner Frau*). O sr. K rompe o circuito formado em que fazia o papel invertido de Dora e que impunha um equilíbrio nesta trama. Ou seja, o sr. K era tolerável apenas nesta posição, na qual ama Dora para além de sua mulher, mas desde que sua mulher represente algo para ele. Declarando que sua mulher não está no circuito, a identificação é rompida. Assim, “*Dora se vê relegada ao papel de puro e simples objeto*” (p. 147), papel esse que é insuportável à histérica. Ocorreu então com a Sra. K o que Dora tanto receava: ser reduzida a um objeto sexual da fantasia masculina, e a amada mulher já não podia mais responder as suas questões. Dora volta então sua atenção para o pai, demandando seu amor com exclusividade.

Lacan finaliza esse trabalho comparando os casos da jovem homossexual e Dora. Recorrendo à uma metáfora – o sr. K – e podendo se expressar em uma questão, é que Dora se interroga sobre o que é ser uma mulher e demonstra isso em seus sintomas, que nada mais são que elementos significantes. Já a jovem homossexual manteve-se em uma etapa prévia, na qual demandava o objeto fálico de seu pai potente e procurava-o na dama. Ao sustentar uma posição de expectativa em relação ao objeto fálico, a jovem homossexual retornou a masculinidade infantil, no tempo anterior ao encontro com a castração.

No Seminário 5 (1957-1958), ao retomar o caso de Elisabeth von. R., Lacan salienta a forma como Freud considera o sintoma como uma máscara: “*Essa pequena máscara que faz prever um sentido oculto*” (FREUD, 1883-1885, p. 187). Entendendo que o sintoma se apresenta sob uma máscara, sob

uma forma paradoxal, Lacan decide chamar *sintoma* tudo que é analisável. Tal noção de máscara representa a forma ambígua sob a qual o desejo na histérica se configura, não permitindo a orientação a um ou outro objeto. Para Lacan, a histérica está implicada numa situação de desejo inconsciente e é isso que o sintoma mascara.

Para continuar interrogando a questão do desejo da histérica, Lacan (1957-1958) prossegue com a leitura de *A Interpretação dos Sonhos* (FREUD, 1900). Freud comparou outra paciente, uma jovem histérica, inteligente, fina e reservada em seu comportamento à “*água que dorme*”. Seu primeiro sonho é muito curto: “*Sonhei que chegava muito tarde ao mercado e não encontrava mais nada no açougueiro nem no vendedor de legumes*”.

Suas associações conduzem Freud em direção ao que Lacan chamou de significante do falo. O açougue fechado levou Freud a associar a uma gíria comum da Viena da época, em que a expressão *açougue aberto* significava a braguilha aberta. O elemento fálico oculto no sonho é claramente analisado por Freud, e a referência aos legumes (um molhe de rabanetes negros e de aspargos), também reforçam a característica sexual. Entretanto, o açougueiro do sonho utiliza uma expressão alemã que remete à uma ausência, *Das ist nicht mehr zu haben*, “isso não há mais”. Freud entende essa fala como algo que ele mesmo disse à paciente; já Lacan interessa-se por esta frase como a constatação da falta de um objeto. E acrescenta ainda que não se trata de uma experiência frustrante, mas de uma significação como tal. Seu objetivo é destacar o falo como significante daquilo que o Outro não tem. É justamente porque falta ao Outro que pode ser significante do desejo deste Outro.

Um segundo sonho da mesma paciente: “*Seu marido lhe pergunta se não é preciso afinar o piano. Ela responde que não vale a pena (Es lhont*

nicht)". Esta frase, ela disse na véspera, durante uma visita a uma amiga. Pediram que ela tirasse o casaco e ela respondeu que não valia a pena, pois já estava de saída. Freud lembra então que, nesse mesmo dia, durante a sessão, ela havia levado a mão bruscamente até o casaco, onde um botão acabara de se abrir. "É como se ela dissesse: Eu lhe peço para não olhar desse lado, não vale a pena".

Houve ainda uma substituição no sonho entre a caixa do piano *Kasten* e a caixa torácica, *Bruskasten*; Freud observou o vestígio das dificuldades encontradas pela paciente na constituição de seu corpo de moça. Lacan não desconsidera essa vertente de interpretação, mas vai além:

Se o falo é o significante do desejo, e do desejo do Outro, o problema que se apresenta para o sujeito, desde o primeiro passo da dialética do desejo, mostra aqui sua outra vertente – trata-se de ser ou não ser o falo. [...] assim como não se pode ser e ter sido, também não se pode ser e não ser. Se é preciso que o que não se é seja o que se é, resta não ser o que se é, ou seja, empurrar o que se é para o parecer, que é exatamente a posição da mulher na histeria. Como mulher, ela se faz máscara. Faz-se máscara precisamente para, por trás dessa máscara, ser o falo (p. 392).

Lacan afirma que todo o comportamento da histérica manifesta-se no gesto da mão levada ao botão, acompanhado pela frase de que *não vale a pena*. O autor respondeu ao questionamento sobre porque não vale a pena com o argumento de que não se trata de olhar para o que está por trás, porque por trás é onde está o falo. Mas afinal não vale a pena ir até lá olhar, justamente porque é aí que não o encontrará.

Aparece uma conduta fundamental da histérica: a provocação. Nessa provocação, algo é apresentado ao desejo por trás de um véu, mas, por outro lado, não poderia ser encontrado ali. Lacan resume essa provocação assim: “*Não vale a pena você abrir meu corpete, porque não encontrará aí o falo, mas se eu levo a mão ao corpete, é para lhe apontar, por trás dela, o falo, isto é, o significante do desejo*” (p. 393). O *corpete da histérica* torna-se a condição fundamental referente ao desejo da mulher em relação ao homem, exatamente porque nada há além do significante do desejo.

Voltando mais uma vez ao estudo de Dora, Lacan (1957-1958) aponta para o além do desejo do Outro ser produzido nesse caso em estado puro, justamente por não se falar da mãe, que está absolutamente ausente. A paciente vê-se confrontada com o pai e é desse pai que demanda amor.

Nos seminários anteriores, Lacan considerava a Sra. K encarnando a questão da feminilidade para Dora. A partir do Seminário 5 (1957-1958), ele dispõe do conceito de desejo como *desejo do Outro*. Aí, a Sra. K será o desejo de Dora, na medida em que ela é o desejo do pai, e esse desejo é um desejo barrado. Ela nunca ignorou a impotência do pai, e isso permitiu que a Sra. K ocupasse esse lugar de desejo insatisfeito.

Para que Dora conseguisse manter esse equilíbrio, era necessário que ela realizasse uma identificação em função a sua demanda não satisfeita. E para isso, nem o seu desejo, nem o desejo do pai poderiam ser satisfeitos.

Lacan explica:

Tudo isso depende do lugar onde se produz a chamada identificação do Ideal do eu. [...] normalmente ela sempre se produz após a dupla transposição da linha do Outro, em I (A).

No caso de Dora dá-se o mesmo, exceto que o desejo do pai é representado pela segunda linha. É depois da dupla transposição das duas linhas que se realiza aqui, em (\$ ◇ a), a identificação da histérica. Não se trata mais de uma identificação com o pai, como acontece quando o pai é, pura e simplesmente, aquele a em se dirige a demanda. Não se esqueça de que agora em diante existe um mais além, e isso deixa a histérica muito bem arranjada para sua satisfação e equilíbrio. A identificação é feita com um pequeno outro, que, por sua vez, está em condições de satisfazer o desejo. É o Sr. K, marido da Sra. K, dessa Sra. K tão sedutora, tão encantadora, tão deslumbrante, verdadeiro objeto do desejo de Dora. A identificação é feita aqui porque Dora é histérica, e, no caso da histérica, o processo não pode ir adiante (p.381).

Para Dora, é o Sr. K que desempenha esse papel de pequeno semelhante ⁶, razão de seu interesse por ele – o que Freud considerou como amor. Identificando-se a ele, Dora deseja a Sra. K; desejo esse que nada tem de impotente porque o Sr. K porta as insígnias da virilidade e potência.

Observando sob esse prisma, há sentido em dizer que Dora é homossexual, mas histérica como outra qualquer. Como seu arranjo a mantém nessa posição, pode supor que sustenta o desejo enfraquecido do Outro – no caso, seu pai. É ela o seu apoio. Porém, para que esse esquema possa ser mantido, é vital que o Sr. K deseje a Sra. K. Quando ele diz que ela nada é para ele, desperta em Dora, sem saber, questões sobre sua própria existência.

⁶ Esse conceito de pequeno outro é base da constituição do eu e bem próximo da noção de Eu Ideal desenvolvida por Lacan.

Ela, Dora, vive para sustentar o desejo enfraquecido do pai? A bofetada demonstra a dimensão da violência desencadeada pela queda da sua construção.

É importante também retomar que, para Dora, o semelhante, o pequeno outro da identificação especular havia sido o irmãozinho, objeto de desejo da mãe, tendo um valor libidinal, fálico para ela. Sendo assim, esse irmão havia ocupado o lugar de Eu Ideal, objeto de identificação imaginário para Dora, lugar depois herdado pelo Sr. K.

Lacan diferenciou mais uma vez demanda e desejo: embora Dora deseje a Sra. K, o que ela demanda é o amor do seu pai. Como ela não pode mais sustentar o desejo do Outro, só pode recorrer à demanda pura e simples: reivindicando o amor do pai.

O conceito de objeto *a* designaria então o objeto do eu, o pequeno outro, O Sr. K seria o *objeto pequeno a* da fantasia de Dora, e, dessa forma, a fantasia se encontraria tributária deste pequeno outro. Dora, no entanto, não queria contentar-se com uma fantasia que visaria o pequeno outro, buscava algo maior: o grande Outro (LACAN, 1960-1961).

É bem verdade que, de uma certa maneira, o Sr. K é o objeto *a*, e que na verdade é ali mesmo que está a fantasia, na medida em que a fantasia é o suporte do desejo. Mas Dora não seria uma histérica se essa fantasia a contentasse. Ela visa outra coisa, ela visa algo melhor, ela visa o A. Visa o Outro absoluto (p.242).

Para Dora, a Sra. K é a encarnação da questão: o que é uma mulher? Este *quem sou eu* tem para ela um sentido pleno e absoluto e responde de uma maneira restrita e velada à questão do falo simbólico. Esse é o motivo

pelo qual ela, assim como toda e qualquer histérica, tenta escamotear a situação, deslizando à questão do falo imaginário.

Para Dora, pouco importa se seu pai é impotente com a Sra. K, pois é ela quem fará a cópula e sustentará essa relação. Além disso, fará ainda intervir a sua imagem substituta do Sr. K,

que precipitará nos abismos, que lançará nas trevas exteriores, no momento em que este animal lhe disser a única coisa que não lhe devia dizer, *minha mulher nada é para mim*. A saber, ela não me faz ficar de pau duro. Se ela não o faz ficar de pau duro, então, para que é que você serve? (p. 243).

Trata-se então, para Dora, como para toda histérica, de ser dotado do falo imaginário. Se, nos dramas sentimentais, ela está sempre lá, devotada, sustentando nos bastidores tudo que se apresenta de apaixonante e que, entretanto, não é de seu interesse, é que há algo que prefere em lugar de seu desejo: que o Outro guarde a chave de seu mistério. Isso é tudo que lhe importa e é por isso que se identifica com o drama do amor, e se esforça para “*reanimá-lo, reassegurá-lo, recompletá-lo, repara-lo*” (p. 243).

Lacan vai então retomar a fórmula da fantasia para integrar aí a relação ao grande Outro enquanto marcado pela castração (\bar{A}) e o falo imaginário, oculto em sua dimensão faltante ($-\phi$).

No seminário 17, O Avesso da Psicanálise (1969-1970), Lacan começa colocando a impossibilidade do gozo fálico como geral, Segundo Freud, se nada pode se aproximar do gozo mais perfeitamente que o órgão masculino, o problema é que só o órgão pode ser favorecido, não o seu portador. E quando esse portador vem oferecê-lo à sua parceira, ele deve se empenhar para fazê-la aceitá-lo. Aceitá-lo do parceiro masculino é reconhecer que ela não o possui

e aí que as coisas se complicam. O parceiro masculino, apesar de seus esforços de amor, cuidado e ternura, só faz reviver a ferida da privação.

Um gozo fálico proveniente da ligação edipiana não iria afrontar a reivindicação peniana, mas esse gozo é interdito pela norma social. A investigação psicanalítica descobre uma suplência para esse gozo fálico interdito, de origem completamente diversa: o *mais-de-gozar*.

Em 1920, Freud descobre o *Além do Princípio do Prazer*, que ele denomina *repetição*. Essa repetição é uma denotação precisa de um traço, à medida que promove uma irrupção de gozo. A repetição do sintoma histérico também comemora um gozo. Percebe-se que as dores na perna de Elisabeth von R. eram ainda mais intensas, assim como as cenas lembradas foram motivo de irrupções de gozo. A jovem relatava como a visão da cena em que seu cunhado cuidava da felicidade de sua irmã conseguia emocioná-la. Freud preocupava-se em saber qual podia ser então o objeto de seu desejo e acreditava que ela se encontrava identificada a essa irmã de quem queria ocupar o lugar, e atribuiu o sintoma doloroso como efeito da culpa. Mas inverter as identificações e crer que ela visava o cunhado como objeto de desejo, não pareceu mais sensato a Lacan.

Lacan sustenta seu conceito de *mais-de-gozar* fazendo uma analogia ao de *mais-valia* de Marx. Nessa cena do caso Elisabeth, assim como o capitalista que tira proveito da mais-valia obtida por seus trabalhadores, ela, como boa histérica, extrai daí o *mais-de-gozar*.

Lacan reflete ainda sobre o lugar do gozo na dialética do senhor e do escravo de Hegel. A histérica, sacrificando o gozo fálico a outros, pode ter a ilusão de estar numa relação particular com o mestre. É o caso de Dora.

Seu pai, pivô de toda sua aventura, é um homem castrado quanto à sua potência sexual, um homem adoentado, sem expectativas. Mas, ainda que doente, ele tem uma atribuição simbólica: é um ex-genitor. Ele é pai até o fim da sua vida. Há sempre algo da ordem da potência na palavra *pai*. É no campo simbólico que o pai, desempenhando o papel de mestre pode – no discurso histórico – “*sustentar, sob esse ângulo da potência de criação, sua posição em relação à mulher, mesmo estando fora de forma*” (p. 89). Este é o pai idealizado.

O Sr. K, chamado por Lacan de *terceiro homem*, convém para Dora por possuir o órgão. A jovem percebeu o órgão no Sr. K aos 14 anos, quando ele comprimiu seu corpo ao dela num vão da janela e soube se sair bem da situação, sem alterar em absolutamente nada a relação entre as duas famílias. O mesmo não ocorreu mais tarde, exatamente porque esse órgão tem valor não para que Dora desfrute dele, mas para que uma outra mulher a prive dele.

Lacan então analisa os dois sonhos da jovem. Em relação ao primeiro, repara que não é a jóia que interessa a Dora, mas a caixa para jóias, presente do Sr. K. É da caixa, do invólucro do órgão precioso que ela desfruta.

Ela sabe muito bem gozar com isso por si mesma, como atesta a importância decisiva que nela tem a masturbação infantil, cujo modo, aliás, nada nos indica no relato qual fosse, a não ser que tinha provavelmente alguma relação com o que chamarei de ritmo fluido, escorrente, cujo modelo está na enurese (p. 89 e seguinte).

Em sua história, é mencionado que a enurese foi relacionada, tardiamente, na identificação com o irmão, um ano e meio mais velho. Ele sofreu enurese até os oito anos, depois, foi ela quem iniciou. A enurese seria o

estigma do fato de que Dora, quando criança, colocava-se imaginariamente no lugar do pai, mas do pai impotente⁷.

A Sra. K, que Dora contempla na figura da Madona de Dresden, é aquela capaz de sustentar o desejo de seu pai idealizado e também de acolher o desejo do Sr. K. Desses gozos, Dora é duplamente excluída. Se ela o suporta tão bem, provavelmente é em identificação a um outro tipo de gozo, próprio do mestre: o mais-de-gozar.

Lacan lembra então a ligação entre enurese e ambição. Do Sr. K, ela só quer receber a caixa, porque a jóia é ela. Mas ele “*que vá se aninhar em outro lugar*” (p. 90). Daí a ruptura quando ele diz que a mulher nada é para ele. Dora não quer o gozo que se oferece aí, prefere o saber como meio de gozo para fazê-lo servir à verdade do mestre que ela, Dora, encarna. E a verdade é que o mestre é castrado. Lacan retoma que, se quer dominar o escravo, o mestre deve excluir o gozo fálico para si mesmo. É a condição para obter disso o benefício do mais-de-gozar.

Freud ensinou que é preciso não esquecer de que para que se constitua um sonho, não basta que ele represente um desejo vivo do sujeito em relação ao presente; é necessário que um desejo da infância lhe forneça suas bases (1900). Apoiando-se no conceito de mais-valia, Lacan considera que o desejo da criança ganharia sua força no mais-de-gozar, ou seja, aquilo que se acumula como capital de libido, a partir do fato de que a criança é excluída do gozo da cópula dos adultos.

O segundo sonho assinala que o pai simbólico é o pai morto; que só se

⁷Lacan pensa que, geralmente, esse é o caso das meninas portadoras de enurese.

alcança a partir de um lugar vazio e sem comunicação. Sua mãe lhe diz: “*Venha se quiser, seu pai morreu e o estão enterrando*” (p. 90). Esse *venha se quiser* faz ressonância à frase da Sra. K, convidando-a à casa do lago. Dora vai encontrar-se então no vazio do apartamento deixado pelos que foram ao cemitério. Aí, ela encontra facilmente um substituto do pai: o dicionário, esse grosso livro, onde se ensinavam coisas relacionadas ao sexo. O que lhe importa – até mais que a morte do pai – é o que ele produz de saber. Não um saber qualquer, mas um saber sobre a verdade, essa verdade com a qual Freud a ajudou na experiência analítica. Quando ela obtiver a satisfação de fazer com que todo mundo saiba da verdade das relações entre seu pai e a Sra. K e das suas com o Sr. K, poderá então concluir sua análise, mesmo que Freud não pareça satisfeito com a solução quanto ao seu destino de mulher.

Freud constatou que tudo o que pôde fazer pelas histéricas, só conduziu-o até o *Penisneid*, ou seja, à censura da menina à sua mãe por não tê-la criado menino. O que é relatado sobre a mãe, sob forma de frustração, poderia desdobrar-se assim no discurso da histérica: de um lado, a castração do pai idealizado e, de outro, a assunção ou não, pelo sujeito feminino, do gozo de ser privado disso.

Lacan terminará sua lição fazendo crítica a Freud por não ter escutado bem o discurso das histéricas e afirmando que o fato de o pai ser castrado é o que a histérica trata de dissimular.

III - A outra da Histórica

Antes de prosseguirmos, faz-se necessário abordar ainda alguns conceitos a fim de discutir com mais propriedade a temática da *outra da histórica*. Iniciemos pelo *narcisismo*.

Além do que “amar a si mesmo”, como o mito grego de Narciso utilizado por Freud para abordar o tema postula, o narcisismo é considerado essencial para a estruturação de todas as relações do sujeito com o mundo externo e recebeu status de divisor de águas na Psicanálise, abrindo caminho para a revisão do modelo de psiquismo e apresentação da Segunda Tópica.

Após ter abordado o tema em outros textos, em 1914, Freud dedicou maior atenção a esse conceito e publicou o artigo *Sobre o Narcisismo: Uma introdução*. No referido texto, o autor faz do narcisismo um conceito metapsicológico, ou seja, dá-lhe existência enquanto categoria universal do psiquismo humano, delineando uma nova abordagem da complicada questão que ele vinha perseguindo há muito tempo: como se forma o psiquismo, de onde ele se origina e como se organiza.

Encontramos no Seminário I (1953-1954), Lacan comentando Freud:

A *Urbild* [primeira imagem do eu], que é uma unidade comparável ao eu, se constitui num momento determinado da história do sujeito, a partir do qual o eu começa a assumir suas funções. Isso quer dizer que o eu humano se constitui sobre o fundamento da relação imaginária [...]. No desenvolvimento do psiquismo, aparece algo novo cuja função é dar forma ao narcisismo. Não significa isto marcar a origem imaginária da função do eu? (p. 136).

A novidade do narcisismo é que ele implica em pensar o sujeito em função do Outro sujeito, o psiquismo do bebê como fruto dos encontros e desencontros do psiquismo do adulto. O narcisismo é condição de formação do eu, chegando mesmo a se confundir com o próprio eu.

Lacan vai além em *O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu* (1949). O psicanalista francês afirma que o narcisismo não resulta apenas do investimento na imagem de si mesmo, mas também da formação dessa imagem, ou seja, a constituição mesma da imagem do eu. Ele ainda enfatiza a relação entre o olhar que foi inicialmente dirigido ao sujeito e a formação da imagem do eu como uma identificação e aborda a questão da constituição do eu por meio da imagem do outro. Essa imagem é o eu ideal, formado como imagem do outro e que dará a unidade do eu.

No Sem II (1954-1955), Lacan faz um retorno ao texto de 1949:

O que foi que tentei fazer entender com o estádio do espelho? Que aquilo que existe no homem de desvinculado, de despedaçado, de anárquico, estabelece sua relação com suas percepções no plano de uma tensão totalmente original. É a imagem de seu corpo que é o princípio de toda unidade que ele percebe nos objetos. Ora, desta própria imagem, ele só percebe a unidade do lado de fora, e de maneira antecipada. Devido a esta relação dupla que tem consigo mesmo, é sempre ao redor da sombra errante do seu próprio eu que vão-se estruturando todos os objetos de seu mundo [...] A própria imagem do homem fornece uma mediação, sempre imaginária, sempre problemática que não se acha, pois, nunca completamente efetivada. Ela se mantém através de uma sucessão de experiências instantâneas, e esta experiência, ou

bem aliena o homem de si próprio ou bem vai dar numa destruição, numa negação do objeto (p.211).

Para Lacan, o narcisismo originário constitui-se no momento em que a criança capta sua imagem no espelho, imagem esta que, por sua vez, é baseada na do Outro, mais particularmente da mãe, constitutiva do eu. Salienta ainda que o narcisismo estrutura todas as relações do homem com o mundo exterior, especialmente as libidinais.

Quinet (1951) retoma os mesmos conceitos, reafirmando que o eu e o outro se confundem. Há uma projeção de conteúdos, pensamentos e intenções nesse outro, além de identificações que podem levar à admiração, ódio e/ou inveja.

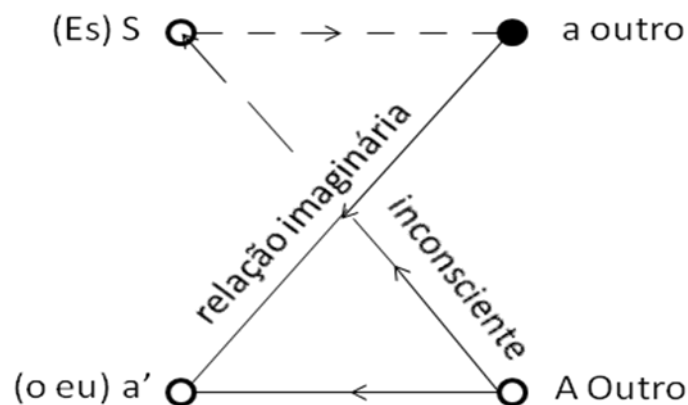
O conceito freudiano de eu ideal, no qual o eu é constituído pela imagem do outro, parte do pressuposto que o eu estará sempre alienado a seu outro-ideal. Este semelhante, igual e rival, é um intruso e o neurótico sempre o encontrará em seus companheiros.

Esse outro intruso, que se manifesta como semelhante, é experimentado e percebido como aquele que invade o que é meu e rivaliza comigo, ou seja, compete com o meu eu pelo mesmo lugar. Pois o eu e o outro entram numa luta pelo reconhecimento mútuo e recíproco. Trata-se de uma luta para ver quem tem mais prestígio do que o outro, e para tal é necessário que um reconheça o outro (QUINET, 1951, p. 9).

Existe ainda o que Lacan chamou de *complexo de intrusão*, que ocorre quando o sujeito sente que um intruso vem apropriar-se do seu lugar no desejo do Outro. Porém, existe uma identificação com esse outro de modo imaginário, e o eu e o outro se tornam indissociáveis. Esse intruso é o eu. O sujeito apenas

o percebe como *outro*. O eu é o outro para o sujeito. Trata-se do sujeito do inconsciente, e que se chama desejo.

Essa bipolaridade do outro e do eu, ($a - a'$), é formalizada pelo eixo imaginário do esquema L, em que a é notado como “objetos do sujeito” e a' , “seu eu”, o “que se reflete de sua forma em seus objetos”. Assim, o outro (a) antecede o eu (a'). Trata-se do eixo imaginário da cena visual que constitui uma barreira para a Outra cena (QUINET, 1951, p. 16).



A ideia da imagem refletida no espelho é usada como um anteparo ao inconsciente e o eu, como consciência, rivaliza, deseja e briga com os semelhantes, não conhecendo o Outro, que o determina enquanto sujeito.

O outro é objeto de amor narcísico, *eu me amo no outro, que é meu reflexo*. Já o olhar em cena no estádio do espelho é o olhar do Outro, que pode ser, por exemplo, a mãe. Esse é o olhar que a criança espera quando vira-se do espelho em busca de um sinal do Outro. O Outro é “o espelho no qual a criança se vê e se admira, ajustando sua imagem enquanto eu ideal às reações de Outro que vem no lugar do Ideal do eu” (QUINET, 1951, p. 20).

Freud chamou o inconsciente de *a Outra cena*, determinando existir uma localização psíquica para o inconsciente. Lacan não só concordou com tal

ideia, como a elevou ao nível de conceito fundamental da psicanálise, nomeando de o *Outro*.

O *Outro*, em Lacan, é sempre escrito com a inicial maiúscula e dispensa o adjetivo “grande”. A letra que aparece nos matemas lacanianos para referir-se ao *Outro* é *A*, de *Autre*, *outro* em francês. O *Outro* é o lugar onde se colocam para o sujeito questões voltadas à sua própria existência, sexualidade, desejos e ideais, sustentando suas fantasias inconscientes e imaginárias.

É importante ressaltar que a ideia de lugar psíquico não é equivalente à uma localização no cérebro; trata-se de um lugar simbólico, com significantes e cadeias articuladas que determinam o que o sujeito vai pensar, falar e agir.

Antes mesmo de nascer, o indivíduo já existe: ganha um nome, um sexo, cor de cabelo, comida favorita, profissão – e tudo isto constituirá o *Outro* para ele. Inicialmente, esse lugar é ocupado pela mãe, porém, para que o indivíduo possa reconhecer seus próprios significantes e fazer uso deles, ingressando como sujeito na ordem simbólica, é imprescindível que a Lei seja instaurada. O *Nome-do-Pai* é o significante que proíbe a mãe de usar o filho como objeto, e que por outro lado, também possibilita que a criança perceba que a mãe é ultrapassada por uma lei.

É importante entender *mãe* e *pai* nesse contexto não somente como genitores, mas pensar em *função materna* e *função paterna*, sendo essas estendíveis à quem efetivamente ocupe esses papéis na vida da criança.

Lacan (1956-1957) resume o complexo de Édipo como uma operação de linguagem em que a metáfora paterna (*Nome-do-Pai*) substitui o Desejo da Mãe com o qual a criança se identifica, por ser seu objeto de gozo.

A introdução do Nome-do-Pai no lugar do Outro barra o acesso do sujeito ao gozo e ele não pode mais ocupar esse lugar de objeto do gozo do Outro em sua fantasia. O Outro como lugar de significantes torna-se assim o Outro como lugar da Lei. A isso, Freud chamou *castração*, pois tem como resultado uma falta. Essa operação de metáfora paterna não ocorre na psicose e, por isso, o indivíduo é sempre gozado pelo Outro, não podendo existir como sujeito.

Ainda sobre o Outro, Quinet (1951) reforça:

O Outro não constitui um universo completo, e sim furado – pois falta um significante que permitiria dizer que é um conjunto totalizador de todos os significantes da linguagem, ou melhor dizendo, de uma determinada língua. Paradoxalmente, ele não existe, pois por ser furado não tem consistência. No inconsciente, como discurso do Outro, sempre falta um significante último que daria um sentido último à vida, à história e às questões do sujeito. Isso faz com que a cadeia significante que compõe o inconsciente seja infinita, pois se pode sempre agregar um significante a mais, e falar, falar, falar..., e, assim, não se “pega” esse Outro cuja alteridade insiste, mas não “existe” (p. 30).

Lacan afirma que a histérica fica presa na clivagem entre desejo e demanda, introduzindo os dois conceitos no texto que ficou conhecido como *A Bela Açougueira* (1957-1958). Essa paciente, apaixonada pelo marido, demanda amor. Entretanto, para as histéricas, demandar amor é incômodo. O que ela deseja? Caviar. E o que ela quer? Que não lhe deem caviar.

Para que uma histérica possa suportar uma relação amorosa, é necessário que ela deseje *outra coisa* (exatamente o que o caviar aqui significa) e que essa *outra coisa* não lhe seja dada. Nesse sonho, a promoção da falta, do nada enquanto tal é valorizado. O desejo histérico aparece na sua forma mais pura, a do desejo de ter um desejo sem objeto e que jamais possa ser satisfeito.

Esse sonho poderia ser interpretado, num primeiro momento, como a expressão do ciúme da açougueira. No entanto, o elemento *salmão* chama a atenção de Freud, que, ao questionar a paciente, descobre esse ser o prato preferido da amiga, assim como o é o caviar para ela própria. Percebe-se aí a relação dos desejos: ambos querem ser reconhecidos, mas não são satisfeitos.

Se a açougueira renuncia, em sonho, a dar um jantar, não é para contrariar o desejo da amiga, mas para sustentá-lo enquanto insatisfeito, na medida em que o desejo da amiga substitui o seu próprio. O desejo da amiga a permite questionar o desejo e o amor do seu marido açougueiro, que, embora pareça satisfeito com as formas cheias de sua esposa, também tem muita feição pela amiga magra. Lacan (1957-1958) afirma que a açougueira se identifica ao homem e o salmão advém ao lugar do desejo do Outro.

Também nesse caso, percebe-se uma bissexualização do desejo histérico, conforme salienta André (1986):

Por um lado, a açougueira se alinha do lado de sua amiga, na qual ela busca captar a encarnação de uma misteriosa feminilidade à qual seu marido seria sensível e, por outro lado, ela adota a posição masculina própria ao açougueiro para formular sua questão referente à amiga: quem é ela, para que ele a ame? Ela se põe então no lugar de seu marido para

questionar a feminilidade de sua amiga (posição masculina), porque ela desejaria que seu marido a amasse como ele ama a amiga em questão (posição feminina) (p. 168).

No seminário 17 (1969-1970), Lacan afirma que a Bela Açougueira mostra a seu marido que não necessita que ele a cubra de mimos, pois isso nada vai acrescentar ao essencial do que ele lhe oferece e que ela já tem. O que ela não vê, apesar das indicações contidas em seu sonho, que deixando esse essencial de seu marido a uma outra é que ela poderia encontrar o *mais-de-gozar*. Já Dora consegue ver dessa maneira. É pela adoração do objeto de desejo que a mulher, Sra. K, contemplada sob a figura da Madona de Dresden, que ela recobre e pode tamponar sua reivindicação peniana. A Bela Açougueira não vê que ela, como Dora, ficaria feliz em deixar esse objeto para uma outra.

O desejo, para Lacan (1957-1958), é o que resta da demanda após a satisfação da necessidade. Se um objeto capaz de satisfazer uma necessidade alimentar viesse responder à demanda, não ficaria além da satisfação dessa necessidade. Assim, o desejo da histérica se constitui quase totalmente a partir do desejo do Outro.

É precisamente na medida em que o Outro é marcado pelo significante que o sujeito pode – e só pode atrás disso, por intermédio desse Outro – reconhecer que também ele é marcado pelo significante, ou seja, que há sempre algo que resta para além do que pode satisfazer-se por intermédio do significante, isto é, pela demanda. Essa clivagem feita em torno da ação do significante, esse resíduo irreduzível ligado ao significante, também tem seu signo próprio, mas esse signo vem a se identificar com essa marca no significado. É ao que o

sujeito tem de encontrar seu desejo. [...] é na medida em que o desejo do Outro é barrado que o sujeito vem a reconhecer seu desejo barrado, seu próprio desejo insatisfeito. É no nível desse desejo, barrado por intermédio do Outro, que se produz o encontro do sujeito com seu desejo mais autêntico, isto é, o desejo genital (LACAN, 1957-1958, p.379).

Em uma mulher histérica, um desejo insatisfeito lhe permite imitar um Outro incompleto, não provido de tudo; ou seja, incapaz de satisfazê-la. Um Outro não barrado seria terrível para a histérica, pois devido à sua sugestibilidade ela desapareceria diante dele como sujeito. Assim, é abordada a questão da necessidade da castração, da falta do Outro. Lacan percebe que essa incompletude do Outro real é sempre necessária para a constituição de um objeto, e é nessa condição de faltante que o Outro poderá ser desejante de algo. Esta incompletude do Outro, ele escreve \$ (\mathcal{A}).

Quinet (1951) articula os conceitos afirmando que o *eu* está para o *outro*, assim como o *sujeito* está para o *Outro*. O sujeito é determinado por significantes e não tem uma identidade própria, visto que a representação no Outro não é fixa e sim articulada a partir de um significante (S) e outro significante (S'). Essas cadeias significantes transitórias é que tornam o sujeito indefinível.

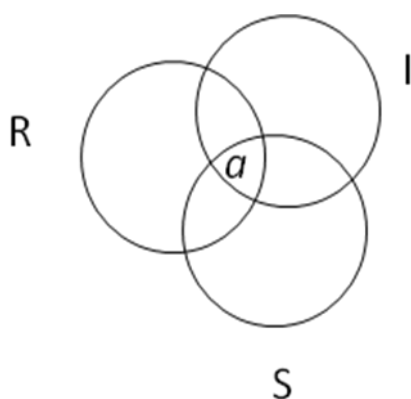
O drama do neurótico é que ele sempre encontra um outro que reúne os atributos que ele acredita serem necessários – e que ele gostaria de ter – para ser amado pelo Outro. O autor utiliza o exemplo da mulher linda, feminina, que sabe o que é ser mulher e como ganhar os homens. Essa mulher é encarnada como a outra da histérica e será sempre encontrada na amiga, irmã, colega de trabalho, etc.

O que torna a situação ainda mais intolerável é que o sujeito identifica-se com o outro que encarna o eu ideal, personalizando nele o lugar do Outro, a quem endereça seu amor. Assim, ao mesmo tempo em que o sujeito ama e quer ser amado pelo Outro, também se sente ameaçado por um outro rival que ele teme que o Outro ame (QUINET, 1951).

Avançando em sua obra, Lacan nomeou o que afirma ser sua grande contribuição para a Psicanálise: o *objeto a*, causa de desejo.

Quinet retoma o conceito lacaniano afirmando que o objeto *a* não é um objeto empírico, nomeável ou que tenha algum aspecto definido. Isso porque ele não é da ordem do significante ou do imaginário, e sim do real. O objeto *a* afeta o sujeito e sua única consistência é a lógica. Qualquer objeto que satisfaça a pulsão, cause desejo ou provoque angústia, pode ocupar o lugar de objeto *a*.

Na última parte de seu ensino, Lacan situa o objeto *a* na interseção dos três anéis do nó borromeano, apontando sua relação com os três registros: real, simbólico e imaginário.



O objeto *a* é envelopado pela imagem (I) e encontramos suas coordenadas na rede simbólica do inconsciente (S) – dessa maneira ele está na imagem narcísica $i(a)$ e na fantasia $(\$ \diamond a)$,

tanto a fantasia imaginária quanto a fantasia fundamental. Mas seu status é do registro do real como objeto condensador de gozo (QUINET, 1951, p. 33).

O objeto *a* não se encontra no inconsciente como discurso do Outro, por não ser do campo do simbólico e, assim, também não é um significante. Equivale ao objeto perdido cuja falta estrutura o inconsciente. É o objeto atrás do qual o sujeito passa a vida inteira correndo; é aquele objeto que certa vez lhe deu uma suposta satisfação sem igual, completa. E que nunca será reencontrado, existindo apenas substitutos transitórios.

Quinet (1951) afirma tratar-se de *“um objeto sempre em alteridade para o sujeito do desejo que o ‘encontra’ no pequeno outro, seu semelhante, como aquilo do parceiro que lhe desperta o desejo e lhe dá prazer (p. 34)*. O objeto *a* se aloja no Outro do amor no qual se transformou o pequeno outro; e, por possuir o objeto que causa o desejo, o ser amado torna-se também o parceiro sexual.

O objeto *a* é tanto causa de desejo quanto objeto mais-de-gozar. É causa de desejo, por constituir o objeto perdido e mais-de-gozar como objeto da angústia e objeto alvo da satisfação pulsional.

Após algumas reformulações na tese sobre as teorias sexuais das crianças, Freud, no artigo de 1923, *A Organização Genital Infantil*, propõe o conceito de primado do falo, no qual os meninos, ao descobrirem as partes genitais femininas, negam a falta, acreditando ver um membro e afirmam que ele ainda é pequeno e crescerá em breve. Após um tempo, chegam a conclusão de que o pênis estava lá, mas foi retirado. Essa falta é concebida então como resultado de uma castração e isso faz com que eles se defrontem com a relação entre a castração e sua própria pessoa.

Em outras palavras, não há senão um sexo, o falo, mas há dois modos de manifestação: ou a presença, ou a ausência. O que significa que a falta do pênis, se reconhecida, é enquanto falo (a menos) e não enquanto sexo feminino. A castração constitui assim aquilo que excluiu [...] o sexo feminino como tal. A castração faz da ausência um resto de presença, ela é um embelezamento, ou, melhor ainda, um *eufemismo* (ANDRÉ, 1986, p. 13).

Essas constatações são importantes, uma vez que não são significadas no inconsciente como oposição entre dois sexos complementares. É essencial que seja dada a devida importância à condição real, de materialidade da vagina, que é bem conhecida como órgão, entretanto, há de se saber ainda que ela não é reconhecida no nível do significante como sexo feminino.

A questão é: não existindo um sexo feminino, enunciável como tal, não existira, portanto um “ser” mulher num primeiro momento, mas um “tornar-se” mulher. Em *Os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud articula o complexo de masculinidade vivido pela menina. Em um primeiro momento, “*O desejo jamais é desejo da Mulher; o desejo nunca se dirige ao Outro como tal, mas antes, provém dele. O que visa o desejo é o significante pelo qual o Outro aparece ele próprio enquanto desejante, e por conseguinte, como desejável*” (ANDRÉ, 1986, p. 162).

A feminilidade costuma organizar-se em torno do imaginário da falta; a mulher não tem o falo, mas se oferece para ser tomada como falo a partir de um lugar de falta absoluta, e do qual apenas um homem pode resgatá-la. É, sem dúvidas, um artifício, e só produz a histeria, caso a mulher acredite e se deixe identificar com ele. Assim, “*a histérica, neste sentido, não é a que engana*

o homem; é antes a que se deixa enganar pelo engodo endereçado a ele” (Kehl, 2008, p. 11). Na histeria, o insuportável é a posição passiva, a posição de ser objeto de desejo entregue ao gozo do Outro.

Na obra freudiana, existia um paralelismo de que a histeria se construía a partir de uma experiência primária de passividade sexual, enquanto a obsessão estava ligada à uma posição ativa nessa experiência inicial. Porém, em *A Hereditariedade e A Etiologia das Neuroses* (1896), Freud, após confirmar que a etiologia histérica de fato estava marcada por uma *“ocorrência de passividade sexual, uma experiência sofrida com indiferença ou com um pouco de indignação ou susto (p. 178)*, ressaltou que na neurose obsessiva também existe uma cena anterior de passividade, mais primária que a experiência ativa, que posteriormente viria a gerar prazer.

Dessa forma, Freud colocou a obsessividade e a histeria como experiências de passividade sexual que introduzem o sujeito na sexualidade e, portanto, no gozo sexual, uma vez que é sempre do Outro que o sujeito recebe a sexualidade. Essa passividade se dá a partir da avaliação de que a criança, quando bebê, é mais gozada do que goza, pois está entregue às emoções, carícias e desejos desse Outro que se ocupa dos seus cuidados. É aí que a criança é despertada para o gozo.

Como já explicitado anteriormente, num primeiro momento, Freud concebeu a histeria como uma reação às manobras do pai sedutor sob sua filha, remetendo-a à perversão da geração anterior. Ao longo dos seus estudos e após uma reviravolta em sua própria análise, o autor propôs uma alteração em sua teoria, reformulando a maneira de pensar o *pai* e colocando-o como uma figura central para o sujeito.

Freud se descobre, ele próprio, objeto de manobras de sedução pelo Outro, queixando-se de ter sido precocemente iniciado na sexualidade por sua mãe e sua ama – assim como as histéricas queixavam-se do pai. Tal evocação do objeto materno como traumático remeteu-o à lenda de Édipo e à ideia de recalque.

A questão do trauma não está necessariamente ligada a um evento datável, em que o sujeito tenha sido vítima de ações mais ou menos perversas, mas a experiência em que se funda o trauma de toda neurose, seja ela histérica ou não, se dá a partir da posição de instrumento do gozo do Outro, em que o indivíduo é oferecido como objeto a a esse Outro, se reduzindo a um objeto causa de desejo não só na fantasia, mas na experiência real de dependência na relação com o primeiro Outro, que é a mãe. Assim, esse indivíduo desaparece como sujeito (ANDRÉ, 1986).

O que determina a escolha da neurose é como essa experiência inicial de passividade é vivida na fantasia e lembrada e retomada no recalque e no retorno do recalçado.

A histérica interroga à sua maneira irônica a potência do pai e sua capacidade de desejar, sustentando, assim, um questionamento que vai além das relações intersubjetivas do seu romance familiar, visando o limite do mito edipiano e da potência do falo. A histérica recusa a posição de objeto de desejo na fantasia masculina e seu discurso tem como objetivo demonstrar que o mito edipiano e a lógica fálica desconhecem a existência da mulher como tal. (ANDRÉ, 1986).

Podemos retomar o fracasso de Freud com Dora, a quem ele tentou a todo custo fazer reconhecer sua posição de objeto sexual para um homem (o Sr. K) e enfatizou exclusivamente o polo paterno.

Mas antes de fazer a crítica – que Freud, aliás, foi o primeiro a formular com exemplar honestidade – do culto do pai pelo qual Freud se deixou levar com Dora, importa destacar o quanto, dos *Estudos sobre a histeria* até o caso de Dora, de 1892 a 1899, a apreensão freudiana da problemática histérica e do papel que nela desempenha o pai se modificou profundamente, sob a influência de sua descoberta do complexo de Édipo. Freud, de fato, chega através de Dora a redefinir a posição da histérica como a da “*apaixonada pelo pai*”. O pai não é mais, daí por diante, o sedutor que impõe sua perversão à filha, mas torna-se aquele a quem ela elege no complexo. Nesses primeiros tempos de elucidação do Édipo, Freud concebe o complexo sob duas vertentes simetricamente opostas, conforme o sujeito seja menino ou menina: o menino ama a mãe e tem ciúmes do pai, a menina ama o pai e tem ciúmes da mãe. É precisamente essa simetria suposta que limita a compreensão de Freud com relação a Dora. [...] Ainda assim, é a colocação da função paterna no Édipo que permite a Freud abordar a histeria, daí por diante, como uma *estrutura* que organiza a transferência, e não mais apenas como uma série de sintomas que se deveriam desmontar um após o outro (ANDRÉ, 1986, p. 82 e seguinte).

O que Freud não pôde compreender é que Dora não tinha repulsa pelo Sr. K por algo que sua neurose a impedia de fazer, ou em consequência de uma perturbação na orientação de sua sexualidade. Dora, na verdade, buscava

ser amada para além da questão de ser biologicamente uma mulher e era fascinada pela Sra. K justamente por ela ser a mulher que encarnava o mistério da feminilidade. Visto que a sustentação da feminilidade não se dá pelo simbólico, Dora buscava uma outra mulher, uma substituta do amor pré-edípico pela mãe, que pudesse responder aos seus questionamentos acerca do tornar-se mulher para um homem desejante, uma vez que sua mãe não tinha nenhum valor para o pai e a própria mãe não demonstrava nenhum desejo por ele. Ela não buscava o homem, ela apenas se identificava com ele, pois isso permitia que ela pudesse contemplar a mulher por ele amada.

Dora protestava, em nome da Mulher, pela divisão subjetiva que era imposta sobre a impotência do saber para nomear o feminino como tal. Na inscrição do desejo, a histérica se identifica tanto com o homem quanto com a mulher. O sintoma histérico representa uma conciliação entre um impulso libidinal e um impulso repressor, sendo assim uma expressão de uma fantasia sexual inconscientemente masculina por um lado, e feminina por outro (FREUD, 1908).

Diante da falta de um significante do feminino, o sujeito é aí incitado a fazer uma divisão imaginária, pela qual se situa ao mesmo tempo num e noutro lugar dos parceiros de uma relação sexual (ANDRÉ, 1986, p.16).

Dito isso, é importante ressaltar que, apesar de Dora ter uma homossexualidade mal resolvida, as identificações bissexuais aqui mencionadas devem ser entendidas como uma possibilidade de responder, na fantasia, aos questionamentos acerca do feminino.

André (1986) acrescenta ainda que o termo *bissexualidade* é significante original na obra freudiana. Desde os *Três Ensaios sobre a Teoria da*

Sexualidade, o conceito de bissexualidade caminha para uma oposição entre atividade-passividade. Ao utilizar esse termo, Freud não propõe uma divisão dos sexos, uma oposição entre masculino e feminino; sua intenção é designar uma polaridade que assume o lugar da diferença entre os sexos. Freud constatou que a diferença anatômica entre os órgãos não significa, no nível do inconsciente, uma divisão entre dois sexos.

É, então, do lugar e do papel do Outro enquanto Outro sexo que se trata no sintoma histérico. Como o ilustram as fantasias de violação tão frequentes no discurso ou nos sonhos da histérica, o sujeito histérico se apresenta como dividido, conflituado entre duas representações que procura identificar como um e outro sexo. A histérica é literalmente o lugar de uma guerra dos sexos, cujo cenário é sempre o mesmo: um gozo masculino é imposto pela força à feminilidade, que submerge, desde então, na ausência ou no estado hipnoide que Breuer descrevia. [...] A tese de Lacan, nesses textos [...ou pior, Mas, ainda, e em *L'Étourdit*⁸], consiste em que a divisão do sujeito face ao sexual não é uma divisão entre dois sexos, mas entre dois gozos, um todo fálico, outro não todo, o primeiro fazendo surgir o outro como seu mais-além (p. 17).

A histérica tenta identificar-se com uma imagem feminina, produzindo assim um signo da mulher. Para isso, ela tem duas vias: pode esbarrar em sua própria impotência ou apaixonar-se por uma outra mulher que encarne tal imagem feminina.

No caso Elisabeth, a ausência da mãe e a forma como a relação com o pai se desenvolveu, são fatores importantes que a levaram por um caminho de negação à condição de mulher e futura esposa, destino esse que era o único

possível para as moças de boa índole e família da época. Ao frequentemente repetir que dificilmente encontraria um marido, o pai legou à ela a herança do falo, fazendo dela um homenzinho, provido de tudo e a quem nada faltava (ANDRÉ, 1986).

A jovem foi uma devotada cuidadora do pai, e após sua morte, transferiu esses cuidados para a mãe. Assim, a estrutura de querer estar sempre à altura da demanda do Outro não foi alterada.

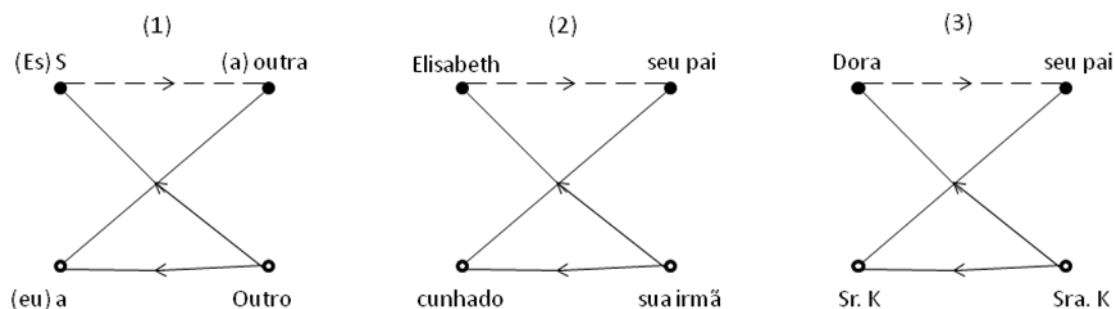
Após desentendimentos com o primeiro cunhado, que não tratou com consideração sua velha mãe, Elisabeth conhece o segundo cunhado, que a faz se reconciliar com a ideia de casamento.

Até então, ela [Elisabeth] se julgava forte demais para dispensar a ajuda de um homem; agora, o sentimento de sua fragilidade feminina a havia invadido, bem como uma nostalgia do amor, de tal sorte que, segundo suas próprias palavras, seu ser gelado começou a derreter-se. Presa de tal estado d'alma, o feliz casamento de sua irmã causou nela a maior impressão: pela maneira como ele cercava a mulher de cuidados, como eles se compreendiam um ao outro por um só olhar, como eles confiavam um no outro (FREUD, 1983-1985, p. 204)

Após um passeio a sós com o cunhado, no qual puderam conversar sobre diversos assuntos íntimos, as lembranças de Elisabeth a levaram para junto do pai, com quem trocava confidências e um desejo a invadiu: o de ter um marido como aquele e o de poder ter uma vida feliz como a da irmã.

Isso faz com que Freud interprete que, inconscientemente, Elisabeth está apaixonada pelo cunhado. Nesse momento, Freud comete o mesmo erro também cometido no caso Dora, ao julgar que o objeto de desejo da jovem era

o Sr. K. O processo de identificação histórica é muito mais complexo, pois a posição subjetiva do sujeito, as identificações pelas quais se sustentam e a função da outra mulher só podem ser entendidas se corretamente inscritas no quarteto construído a partir do esquema L de Lacan:



A irmã de Elisabeth, assim como a Sra. K para Dora, representa mais que uma identificação: encarna a feminilidade, que até então foi vivida como uma fraqueza ou impotência. A irmã assume esse lugar por ser objeto de desejo de um homem e, assim, Elisabeth evoca a relação que tinha com o pai, mas dessa vez como mulher e não mais apenas como um amigo. O erro de Freud foi o de reduzir o desejo de Elisabeth por ser cunhado, não considerando que o seu verdadeiro desejo era o de ser amada por ser pai como a irmã é pelo cunhado (ANDRÉ, 1986).

Lacan (1958) salienta que a histérica se prova nas homenagens que são dirigidas a uma outra e que oferece essa mulher – cujo mistério ela própria adora – ao homem, sem poder dele gozar.

A partir dessa afirmação, torna-se nítido que Elisabeth não ama o cunhado, mas o desejo que ele tem pela irmã e a importância da identificação com ele. A relação entre a irmã e o cunhado constitui para a paciente o mistério da feminilidade alimentada pelo desejo masculino.

A histeria frente à feminilidade vai se situar a partir da potência e do desejo paterno. Por amor à filha, o pai - desejanste na primeira infância - se apresenta na adolescência como impotente, como aquele que não detém o falo. Partindo da constatação de que a relação entre o sujeito e o outro está marcada pela impotência, Dunker (2005) afirma que é nesse ponto que o tema da insatisfação estrutural do desejo na histeria é traduzido.

Os questionamentos de Dora a levaram em direção a uma *outra mulher*, sua semelhante desde o real do corpo e com a qual pudesse identificar-se a fim de constituir-se como objeto do desejo dos homens na feminilidade. Kehl (2008) salienta que o mistério da feminilidade que Dora tenta resolver identificando-se apaixonadamente pela Sra. K, pode ser colocado da seguinte forma: “*como alguém com um corpo marcado pela castração consegue seduzir um homem, a quem não falta nada?*” (p. 245).

A autora ressalta que essa mesma mulher, mãe ou substituta, com quem a menina precisa se identificar a fim de descobrir *o que é ser uma mulher* é a mesma de quem ela precisa sempre se manter afastada para que a travessia edípica se torne possível, resultando assim na inscrição sob a lei do pai.

Ser mulher é, ao mesmo tempo, ser como a mãe e tentar ser *uma outra*, distinta desta que no inconsciente será sempre absoluta, dominadora, mortífera. À pergunta: “o que é ser uma mulher” a menina precisa responder ainda uma outra: “que mulher sou eu?” – em um movimento de separação da mãe para o qual ela tem que contar com o falo simbólico, que espera que lhe venha do pai (KEHL, 2008, p. 246).

A *outra* mulher constitui elemento fundamental na estrutura histérica, assim como é a morte para o obsessivo e o Outro para o psicótico. A histérica,

insistentemente, busca e teme esta *outra* mulher, primeiro, por ser vital que a menina diferencie-se da mãe para emergir como sujeito – aí entram as identificações precoces com o pai e que dão conta da separação mãe-filha, ainda que não sejam suficientes para que ela saiba como tornar-se mulher – segundo, pois a descoberta da castração materna faz com que a menina passe a vida tentando suplantá-la. A *outra* surge como uma alternativa à Mulher primordial e interdita. Ela pode ser qualquer outra com quem a menina possa identificar-se de uma maneira que a auxilie a constituir como mulher, mas sem o risco de confundir-se com o sexo de onde ela saiu (KEHL, 2008).

A histérica faz uma confusão no registro do falo, entre a dimensão real do órgão e as dimensões imagéticas e simbólicas, tendo assim que se perguntar o que é uma mulher.

O falo é o símbolo vazio, barra o gozo do Outro e abre caminho para o desejo. Os sujeitos neuróticos sofrem por estarem marcados pela falta advinda da perda de um gozo primordial; e isso, no imaginário da feminilidade, ocorreu em função da falta fálica no corpo da mulher.

Por essa falta de inscrição simbólica é que o gozo feminino escapa à representação e nisto consiste seu “mistério”, tanto para o sujeito que goza quanto para o que se vê incluído nele. Porém, o indizível neste “gozo outro” que algumas mulheres podem desfrutar, não constitui um mistério sobre o *verdadeiro ser* das mulheres, porque a verdade do sujeito é dada pelo desejo – para a Psicanálise, o sujeito é sujeito de um desejo – e não pelo gozo. E do gozo feminino ninguém pode dizer, porque ele escapa do significante.

O sujeito se fez sujeito a partir de um desejo e a mulher não diz sobre esse suposto mistério porque nenhum sujeito pode dizer sobre a dimensão

inconsciente do desejo. Além disso, nenhum homem tem interesse em saber. E saber sobre o quê? Sobre a sua própria castração.

Encerro esse capítulo citando Kehl (2008):

O mistério da sexualidade feminina só se mantém em decorrência da operação de degeneração efetuada pelos homens que *sabem mas não querem saber* o quão próximo estão, subjetivamente, desta suposta dessemelhante (p. 250).

3 – CONCLUSÃO

A feminilidade aparece para Freud como um enigma. Ele se refere à mulher como um *continente negro*.

Mesmo após apresentar uma nova descrição do Édipo feminino (1925), propondo uma teoria sobre a sexualidade feminina não mais calcada no modelo masculino, Freud não deixar de creditar à mulher uma natureza pulsional passiva que encontraria na maternidade a melhor solução para a inveja do pênis e coloca o desejo feminino como o desejo de ter um filho, fazendo assim uma equivalência entre a mãe a mulher.

O autor atribui ainda à mulher maior quantidade de narcisismo, afirmando que, para ela, é mais importante ser amada do que amar. Considera a inveja do pênis a responsável pela produção de tais efeitos, uma vez que a mulher tende a valorizar seus encantos como forma de compensar sua inferioridade sexual original.

Freud (1933) questiona se a psicologia de fato teria parâmetros conclusivos para dizer sobre o que é feminino e o que é masculino, afirmando sua incapacidade de solucionar o enigma da sexualidade. Salaria que a tarefa da Psicanálise não é descrever o que é a mulher, mas estudar como a menina se torna uma mulher, como ela se desenvolve a partir das disposições bissexuais infantis.

No final dessa conferência, Freud admite ter sido incompleto ao abordar a feminilidade, reforçando tal caráter enigmático e depositando nos poetas a esperança de saber mais a respeito da mulher.

Assim, indicando o território, Freud lança as bases para uma análise do feminino, que é retomada posteriormente por Lacan.

Para o autor francês, é a lógica do não todo que permite ampliar a análise da feminilidade, em seus aspectos específicos que englobam o gozo suplementar e a dialética entre ter e ser.

O ensino lacaniano tem a proposta de dar continuidade às ideias freudianas, nos apresentando considerações importantes acerca do enigma da sexualidade. Lacan (1955-1956) propõe que não seja investigado o que quer a mulher, mas sim o que quer *uma* mulher.

Enquanto Freud está centrado na questão entre *ter ou não ter o falo*, Lacan aponta para a dialética *entre ser ou ter o falo*.

Não tendo o falo, a mulher se faz de falo e se oferece para ser amada por um homem. É preciso ocupar esse lugar de *ser* o falo para se tornar objeto causa de desejo. Lacan (1958) acredita que a castração aponta a mulher para um mais além de si mesma, não limitando o desejo feminino ao desejo de um filho, como proposto na obra freudiana.

Lacan (1972-1973) propõe o desdobramento da sexualidade feminina como articulada ao gozo fálico e ao gozo Outro. Esse gozo está além do falo e marca a posição de *não-toda* das mulheres na norma fálica. Dizer que uma mulher é *não-toda* equivale dizer que as palavras não a descrevem inteiramente. E é justamente o desdobramento do gozo que caracteriza a feminilidade para Lacan.

Enquanto uma mulher aceita ser objeto de desejo e se torna Outra para si mesma, a histérica recusa essa posição e encarna o lugar da Outra na outra mulher e não em si mesma.

A transmissão do saber sobre a feminilidade não é possível, cabendo a cada um a interrogação e a busca de caminhos para a questão sobre *o que é uma mulher*.

Não é apenas através do olhar de um homem que a mulher assimila sua feminilidade. É também por meio de diversas identificações que isso ocorre. Podemos salientar a relação inicial com a mãe, mas que deve ser abandonada para que demais identificações possam surgir. É também nas relações com outras mulheres que a mulher se constitui em relação ao seu sexo. Parece haver uma reedição da relação com a mãe na relação de uma mulher com outra.

A histérica dirige à outra mulher um suposto saber sobre o que é ser mulher. É essa outra mulher que sabe ser objeto para um homem. Ela detém a chave para o enigma a ser decifrado.

A demanda da histérica se revela a partir do questionamento da feminilidade. A histérica frente à feminilidade vai se situar a partir da potência paterna e do desejo do pai, respondendo a questão sobre o que é ser uma mulher a partir de um pai impotente, mas desejante na primeira infância.

A histérica tem que perguntar o que é uma mulher, pois existe uma confusão no registro do falo, uma confusão entre a dimensão real, imagética e simbólica do falo.

Quando a histérica não pode ter o falo, ela o encarna e facilita todo o corpo para exibir a imagem que faz o homem desejar. Entretanto, é impossível encarnar o falo, uma vez que ele é o significante da falta. O falo é o significante que vetoriza e projeta a incompletude humana no campo da linguagem. É o falo – único significante da sexualidade no aparelho psíquico – enquanto articulado como simbólico que vai constituir o significante do desejo, pois se apresenta como faltante. E é sobre isso que a insatisfação histérica diz.

Para saber sobre sua feminilidade, a histérica se pergunta o que é ser uma mulher desejada por um homem desejante. A Sra. K, assim como a amiga

da Bela Açougueira e a irmã de Elisabeth se apresentam como aquelas que detêm o saber sobre o enigma da feminilidade. São mulheres desejadas por homens potentes e que poderiam responder a questão sobre o que é uma mulher.

A busca é por ser amada para além da questão biológica. Como a sustentação da questão da feminilidade não se dá pelo simbólico, ela sempre busca uma outra mulher. Ela não busca o homem, ela apenas se identifica com ele, pois isso permite que ela possa contemplar a mulher que por ele é amada.

Entendemos, portanto, que a fantasia histérica é bissexual; a histérica se identifica com um homem e com uma mulher para se perguntar “*o que sou?*”, “*sou homem ou mulher?*”.

A menina é histérica porque na adolescência o pai se apresentou como impotente, como quem não tem o falo. Ela então buscará o homem fálico – o homem de uma mulher – e o fará viril, para poder encontrar o falo, uma vez que esse homem pode manter a promessa do desejo.

É importante também salientar que o sujeito da psicanálise está desde sua origem referido a um Outro. O sujeito se apoia em uma necessidade para constituir um desejo, que é interpretado pelo Outro. A estruturação do desejo ocorre por meio da estruturação dos laços afetivos, em que as necessidades se transformam em demanda de que o Outro o ame, sendo essa a única garantia de sobrevivência. Assim, pode-se dizer que só desejamos o que nos falta e esta falta nasce onde o Outro falha. O desejo não se satisfaz com um objeto, mas com outro desejo. Ou seja, o objeto faltante é causa do desejo e é só porque o desejo continua insatisfeito que ele continua existindo e movendo a vida humana.

Embora saibamos que há alguns significantes do Outro que atuam como uma força determinante sobre o sujeito, devemos lembrar que estes configuram apenas uma alienação psíquica, pois o sujeito não é o que o Outro aponta para ele.

A análise tem o intuito de descobrir quais são os significantes que alienam o sujeito, para que, assim, outros deslizamentos possam ocorrer na experiência subjetiva, separando-o do Outro.

O que muitos críticos não compreenderam na Psicanálise é que o determinismo psíquico não significa a limitação dos pensamentos, sentimentos e ações. Pelo contrário, pois o que Freud apresentou e depois Lacan reforçou é justamente a indefinição do sujeito: ele *não é*. Estruturalmente, não está fadado a ser um coisa ou outra.

Da mesma forma ocorre com a mulher. Ela *não é*. Ela não é dada a priori. Ela não existe enquanto significação no inconsciente. Ela não tem representação no aparelho psíquico. A única afirmação que pode ser feita é que ela é um vazio que possibilita que uma infinidade de cadeias significantes a represente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, S. (1986) *O que quer uma mulher?* Tradução: Dulce Duque Estrada – 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar: 2011.

DUNKER, C. *A loucura histérica e a psicose*. Mental [online]. 2005, vol.3, n.5, p. 57-72. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167944272005000200005> Acesso em: 03/09/2012.

FREUD, S. (1893-1895) *Estudos sobre a Histeria*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1895) *Projeto para uma Psicologia Científica*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original escrito em 1895 e publicado postumamente, em 1950).

_____. (1986) *A Hereditariedade e a Etiologia das Neuroses*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1888) *Histeria*. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. I. Imago Editora LTDA. Rio de Janeiro – 1977.

_____. (1900) *A Interpretação dos Sonhos*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 4.

- _____. (1905/1901) *Fragmento da Análise de um Caso de Histeria*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1908) *Fantasia Históricas e sua Relação com a Bissexualidade*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1914) *Sobre o narcisismo: uma introdução*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1920) *Além do princípio do prazer*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 18.
- _____. (1920) *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 18.
- _____. (1923) *A organização genital infantil*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1925) *Algumas Consequências Psíquica da Diferença Anatômica entre os Sexos*. In Obras Completas de Sigmund Freud. Vol XX, Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. (1933) *Feminilidade*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 22.

KEHL, M. R. (2007) *Deslocamentos do Feminino*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Imago 2008.

LACAN, J. (1949) *O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica*. In. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.96-103.

_____. (1953-1954) *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. 5ª reimpressão, 336p.

_____. (1954-1955). *O Seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 4ª edição, 1995.

_____. (1955-1956) *O Seminário, livro 3: As Psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2ª edição, 1988.

_____. (1956-1957) *O Seminário, livro 4: A Relação de Objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

_____. (1957-1958) *O Seminário, livro 5: As Formações do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2ª edição, 1999.

_____. (1958) *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1960-1961) *O Seminário, livro 8: A Transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

_____. (1969-1970) *O Seminário, livro 17: O Averso da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

_____. (1972-73) *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

QUINET, A. (1951) *Os Outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar: 2012.

SAFOUAN, M. (1976) *A Sexualidade Feminina na Doutrina Freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 1977.

SOUZA, E. C. .L. L. (2009) *A (in)satisfação histérica: entre o falo e a falta*.

Disponível em: <<http://www.psicanalise.ufc.br/hot-site/pdf/Trabalhos/19.pdf>>

Acesso em: 31/08/2012.